

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

NOEMI DE OLIVEIRA

POSSIBILIDADES PARA UMA ABORDAGEM POSITIVA, SIGNIFICATIVA  
ANTIRRACISTA E ANTI-SEXISTA A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL

PONTA GROSSA

2023

NOEMI DE OLIVEIRA

POSSIBILIDADES PARA UMA ABORDAGEM POSITIVA, SIGNIFICATIVA  
ANTIRRACISTA E ANTI-SEXISTA A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Linha de pesquisa: Pluralidade, Identidade e Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Marly Catarina Soares

PONTA GROSSA

2023

O48 Oliveira, Noemi de  
Possibilidades para uma abordagem positiva, significativa  
antirracista e anti-sexista a partir da Literatura Infantil  
/ Noemi de Oliveira. Ponta Grossa, 2023.  
110 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de Concentração:  
Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta  
Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Marly Catarina Soares.

1. Literatura infantil. 2. Interseccionalidade. 3. Escritoras negras. 4. Gênero.  
5. Raça. I. Soares, Marly Catarina. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa.  
Linguagem, Identidade e Subjetividade. III.T.

CDD: 808.3



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Bairro Uvaranas - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR - <https://uepg.br>

## **TERMO**

**NOEMI DE OLIVEIRA**

### **POSSIBILIDADES PARA UMA ABORDAGEM POSITIVA, SIGNIFICATIVA ANTIRRACISTA E ANTI-SEXISTA A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL**

Dissertação apresentada para obtenção do título grau de Mestre em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 06 de junho de 2023.

Prof.<sup>a</sup> Dra Marly Catarina Soares – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.<sup>a</sup> Dra Lígia Paula Couto – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.<sup>a</sup> Dra Suely Leite – Universidade Estadual de Londrina



Documento assinado eletronicamente por **Evanir Pavloski, Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - Mestrado**, em 25/05/2023, às 15:57, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.

---



Documento assinado eletronicamente por **Suely Leite, Usuário Externo**, em 08/06/2023, às 12:16, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.

---



Documento assinado eletronicamente por **Marly Catarina Soares, Professor(a)**, em 12/06/2023, às 09:38, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.

---



Documento assinado eletronicamente por **Ligia Paula Couto, Professor(a)**, em 12/06/2023, às 09:49, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.

---



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador **1464308** e o código CRC **0178F67B**.

---

Às meninas e mulheres que lutam diariamente por nossos direitos.

Às minhas irmãs Keila e Damaris.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, que com certeza é uma mulher, pela graça da vida e por estar comigo em todos os momentos.

Às minhas irmãs Keila e Damaris, por serem minhas companheiras de estudos e de noites mal dormidas, por confiarem em mim e compartilharem comigo leituras e saberes, pelo amor, colo e cuidado, obrigada por me incentivarem a sonhar, amo vocês!

À Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marly Catarina Soares, minha orientadora do coração, por aceitar essa pesquisa, por acreditar no meu potencial antes mesmo que eu acreditasse, por todas as orientações desde 2018 na iniciação científica, te agradeço pelo tempo, pelas indicações de leituras e conversas. Muito obrigada pelo apoio, motivação, empenho e paciência dedicados à elaboração deste trabalho, sem você seria impossível chegar até aqui.

À Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Suely Leite, por ter aceitado prontamente nosso convite para banca, pelas colaborações na qualificação e defesa deste trabalho, pelo zelo e cuidado na leitura e nos apontamentos, foi uma honra tê-la na qualificação e defesa.

À Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lígia Paula Couto, pelo aceite em participar convite para fazer parte da banca examinadora e que com suas leituras atenciosas contribuíram significativamente para a melhoria deste trabalho e também por ter sido a primeira professora a me dar uma oportunidade no meio acadêmico, tuas orientações lá no início da graduação fizeram muita diferença na minha jornada, muito obrigada!

Aos membros suplentes, pela leitura e contribuição.

À Vilma, secretária do programa, que estava sempre disposta a ajudar, dedicando tempo e atenção às minhas dúvidas. Você foi tão importante nessa jornada!

À Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ione da Silva Jovino, pelas contribuições de leitura, por me aceitar em suas aulas para que eu fizesse o estágio de docência e por fomentar minha ousadia e alegria na escrita deste trabalho!

Às Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Aparecida de Jesus Ferreira e Kelly Cristina Pacheco, pelas contribuições durante as disciplinas, pelo olhar atento e por serem mulheres maravilhosas!

À Prof.<sup>a</sup> Me. Melissa Andres Freitas, por me encorajar no voo, pelo afeto durante a graduação e pela acolhida.

À minha mãe, Leni, e ao meu pai, Antônio, pela experiência de vida e pelo incentivo.

Às minhas amigas Adriele e Rhaissa, por estarem comigo em todos os momentos, compartilhando risadas e sendo alento nos momentos de incertezas e dor.

Ao Diego, pelo afeto, companheirismo e apoio em todas as horas.

Ao Programa de Mestrado e à Agência Financiadora CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

E a todos os demais amigos, familiares e professoras que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa e que principalmente durante a pandemia ficaram ao meu lado. Gratidão!



Imagine viver em um mundo onde não há dominação, em que mulheres e homens não são parecidos nem mesmo sempre iguais, mas em que a noção de mutualidade é o ethos que determina nossa interação. Imagine viver em um mundo onde todos nós podemos ser quem somos, um mundo de paz e possibilidades. Uma revolução feminista sozinha não criará esse mundo; precisamos acabar com o racismo, o elitismo, o imperialismo. Mas ela tornará possível que sejamos pessoas – mulheres e homens – autorrealizadas, capazes de criar uma comunidade amorosa, de viver juntas, realizando nossos sonhos de liberdade e justiça, vivendo a verdade de que somos todas e todos “iguais na criação”. Aproxime-se.

(bell hooks)

## RESUMO

O objetivo desta dissertação é analisar como as personagens femininas (meninas e mulheres) são representadas na Literatura Infantil Contemporânea (LI) escrita por mulheres negras, a partir da perspectiva da Crítica Feminista, buscando uma aproximação da LI não apenas em sala de aula, mas percebendo ela como arte, valorizando o trabalho das autoras e considerando a criança como leitor(a) literário(a) em formação. Para realizar as análises, reflexão e discussão utilizo, como ferramenta analítica, a Teoria da Interseccionalidade, inicialmente pensada por Kimberlé Crenshaw (2002). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de análise literária. O trabalho foi organizado em três capítulos. No primeiro, aborda-se a Autoria de mulheres, principalmente de mulheres negras, e as questões que permeiam o Feminismo Negro e as intersecções, considerando principalmente a trajetória das mulheres do âmbito editorial. No segundo capítulo, discutimos sobre a Literatura Infantil com um olhar para a LI no Brasil, seu início e suas mudanças ao longo dos anos. O terceiro capítulo aborda a análise literária, com o foco nas personagens femininas, organizada em tópicos, a partir dos livros *Com qual penteado eu vou?* (2021), de Kiusam de Oliveira; *As bonecas negras de Lara* (2017), de Aparecida de Jesus Ferreira, e *O fio da memória* (2021), escrito por Fabiana Sasi. O referencial teórico utilizado abrange os estudos de Kimberlé Crenshaw (2002); Cassandra Muniz (2010); Ione da Silva Jovino (2017); bell hooks (2021); entre outras autoras. A partir dos resultados desta pesquisa, afirmamos que ter livros de Literatura Infantil escrito por mulheres negras é uma grande conquista de espaço, de vez, de voz, de existência e de resistência. Percebemos que as meninas também precisam de representações fortes, independentes, inteligentes e poderosas como as protagonistas Aisha, Lara e Lia. Podemos concluir então que existem possibilidade(s) de uma abordagem significativa e positiva para fomentar discussões e reflexões sobre gênero e raça a partir da leitura de livros de Literatura Infantil ao trazer essas personagens positivas em evidência na Literatura Infantil.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil; Interseccionalidade; Escritoras negras; Gênero e Raça.

## RESUMEN

El objetivo de esta disertación es analizar cómo los personajes femeninos (niñas y mujeres) son representados en la Literatura Infantil y Juvenil (LI) Contemporánea escrita por mujeres negras, desde la perspectiva de la Crítica Feminista, buscando una aproximación a la LI no solo en el aula, sino percibiendo como arte, valorando el trabajo de los autores y considerando al niño como un lector literario en formación. Para llevar a cabo los análisis, la reflexión y la discusión utilizo como herramienta de análisis la Teoría de la Interseccionalidad, concebida inicialmente por Kimberlé Crenshaw (2002). Es una investigación bibliográfica y análisis literario. El trabajo se organizó en tres capítulos. En el primero se aborda la Autoría de las mujeres, principalmente de las negras, y las cuestiones que permean el Feminismo Negro y las intersecciones, considerando principalmente la trayectoria de las mujeres en el campo editorial. En el segundo capítulo, discutimos sobre la Literatura Infantil con una mirada a la LI en Brasil, sus inicios y sus cambios a lo largo de los años. El tercer capítulo se ocupa del análisis literario, centrándose en personajes femeninos, organizados en temas, a partir de los libros *Com qual penteado eu vou?* (2021), de Kiusam de Oliveira; *As bonecas negras de Lara* (2017), de Aparecida de Jesus Ferreira; y *O fio da Memória* (2021), escrita por Fabiana Sasi. El marco teórico utilizado abarca los estudios de Kimberlé Crenshaw (2002); Kassandra Muniz (2010); Ione da Silva Jovino (2017); bell hooks (2021); entre otros autores. Con base en los resultados de esta investigación, afirmamos que tener libros de Literatura Infantil escritos por mujeres negras es una gran conquista de espacio, tiempo, voz, existencia y resistencia. Nos dimos cuenta de que las niñas también necesitan representaciones fuertes, independientes, inteligentes y poderosas como las protagonistas Aisha, Lara y Lia. Por lo tanto, podemos concluir que existen las posibilidad(es) de un abordaje significativo y positivo para fomentar discusiones y reflexiones sobre género y raza a partir de la lectura de libros de Literatura Infantil al traer estos personajes positivos a primer plano en la Literatura Infantil.

**Palabras clave:** Literatura Infantil; Interseccionalidad; Escritoras negras; Género y Raza.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Livro com ilustração: <i>Meu corpo minha casa</i> .....	48
Figura 2 – <i>Livro imagem: Abrigo</i> .....	49
Figura 3 – Capa do livro <i>Com qual penteado eu vou?</i> .....	54
Figura 4 – Seu Benedito.....	55
Figura 5 – O quintal da casa.....	55
Figura 6 – Avó.....	56
Figura 7 – Mãe.....	57
Figura 8 – Aisha e sua mãe penteando seus cabelos.....	58
Figura 9 – MONIFA.....	59
Figura 10 – OLUJIMI.....	59
Figura 11 – AMARA.....	60
Figura 12 – KWAME.....	61
Figura 13 – AYANA.....	61
Figura 14 – ADOFO.....	62
Figura 15 – ZURI.....	63
Figura 16 – JAFARI.....	64
Figura 17 – CHANIYA.....	64
Figura 18 – OLAMILEKAN.....	65
Figura 19 – ABIDEMI.....	66
Figura 20 – AISHA.....	67
Figura 21 – União entre os primos.....	68
Figura 22 – Bisavô e avó.....	69
Figura 23 – Composição familiar Aisha.....	70
Figura 24 – Capa do livro <i>As bonecas negras de Lara</i> .....	73
Figura 25 – Coleção de bonecas de Lara.....	74
Figura 26 – Lara, Paula e Sérgio segurando bonecas Abayomi.....	75
Figura 27 – Paula e Sérgio chegam na casa de Lara.....	76
Figura 28 – Sorteio dos amigos.....	77
Figura 29 – Lara, mãe e sua bisavó fazendo bonecas Abayomi.....	78
Figura 30 – Bonecas Abayomi.....	79
Figura 31 – Sérgio com seu pai, segurando bonecas indo brincar no parque.....	80

Figura 32 – Sérgio com uma menina, brincando juntos.....	81
Figura 33 – Professora segurando a atividade de pintura.....	81
Figura 34 – Diferentes cores de pele.....	82
Figura 35 – Varal de atividades dos alunos.....	82
Figura 36 – Amigos juntos brincando de bonecas.....	83
Figura 37 – Atividade 1.....	84
Figura 38 – Atividade 2.....	84
Figura 39 – Capa do livro <i>O fio da memória</i> .....	85
Figura 40 – Contracapa do livro <i>O fio da memória</i> .....	86
Figura 41 – Lia lendo no chão e rodeada de brinquedos.....	87
Figura 42 – Lia e muitos porquês.....	87
Figura 43 – Por que seu cabelo está ficando branco?.....	88
Figura 44 – Ora! porque o tempo está passando! .....	88
Figura 45 – Como funciona o tempo? .....	89
Figura 46 – Um cheiro no cangote.....	90
Figura 47 – Lia e avó junto a árvore.....	91
Figura 48 – Avó mostrando seus cabelos brancos.....	91
Figura 49 – Cafuné e investigação.....	92
Figura 50 – Memórias.....	93
Figura 51 – Abraço.....	94
Figura 52 – Vou ficar velhinha também? .....	94
Figura 53 – Uma brisa soprou novos fios brancos.....	95
Figura 54 – Glossário <i>O fio da memória</i> .....	99

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Busca por pesquisa sobre Literatura Infantil antirracista e antissexista, autoria feminina e mulheres negras.....	19
--	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABL	Academia Brasileira de Letras
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
LI	Literatura Infantil
PROFICE	Programa de Fomento e Incentivo à Cultura do Paraná

## SUMÁRIO

	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>15</b>
<b>1</b>	<b>FEMINISMO NEGRO: INTERSECÇÕES E AUTORIA DE MULHERES.....</b>	<b>22</b>
1.1	AS INTERSECÇÕES.....	23
1.1.1	Publicação de autoria feminina e o espaço editorial.....	27
1.2	LITERATURA INFANTIL ESCRITA POR MULHERES.....	34
1.3	LITERATURA INFANTIL E AS LEIS 10.639/2003 E 11.645/2008.....	40
<b>2</b>	<b>A LITERATURA INFANTIL.....</b>	<b>44</b>
2.1	A RELAÇÃO DA NARRATIVA VISUAL E VERBAL.....	47
2.2	MEDIAÇÃO DE LEITURA.....	49
<b>3</b>	<b>ANÁLISE DOS LIVROS.....</b>	<b>52</b>
3.1	<i>COM QUAL PENTEADO EU VOU?</i> .....	53
3.2	<i>AS BONECAS NEGRAS DE LARA</i> .....	72
3.3	<i>O FIO DA MEMÓRIA</i> .....	85
3.4	SINGULARIDADES E PLURALIDADES DAS OBRAS.....	95
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>101</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>104</b>



## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No início e ao longo de nossas leituras ainda na infância, percebemos que há muitas personagens que se enquadram no seguinte padrão: princesas loiras, frágeis, vulneráveis e sempre à espera de um príncipe encantado, o qual é forte e vem ao encontro da jovem em seu cavalo branco, pronto para defendê-la de todos os perigos. Encontrar mulheres e meninas fortes, corajosas e com personalidade, com as quais as meninas também se identifiquem até pouco tempo era um desafio. (OLIVEIRA, 2020)

Ao analisarmos, mesmo que brevemente, a trajetória das mulheres na Literatura, neste caso na Literatura Infantil principalmente, seja como personagem ou autora, notamos que houve um silenciamento dessas vozes por séculos. Por muito tempo, as personagens femininas foram escritas por homens, com pouca ou nenhuma participação efetiva nas aventuras, apenas eram descritas como delicadas, dóceis e que se empenharam para encontrar o marido ideal e viver cuidando de seus filhos e dos afazeres domésticos, enquanto os homens se divertiam. (OLIVEIRA, 2020)

Se formos mais além das questões de gênero e pensarmos sobre a representação das mulheres e meninas negras na Literatura, o cenário fica ainda mais desafiador, pois pouco se via entre uma página e outra, uma personagem feminina e negra e, quando aparecia, em papéis subalternos. A autoria de mulheres negras também demorou para ser reconhecida, e muito do que foi produzido foi perdido e esquecido antes mesmo de ser publicado.

Sobre o assunto, a professora Dr<sup>a</sup> Ione da Silva Jovino (2006) afirma haver uma complexidade na Literatura Infantil e juvenil e que é necessário ter muito cuidado diante das produções literárias infanto-juvenis, tendo em vista a tendência à estereotipia da personagem negra e não é difícil de verificar personagens negras, principalmente meninas e mulheres, sendo representadas subalternamente em toda história da Literatura. Nesta perspectiva, discutir sobre a representação positiva de meninas e mulheres negras na Literatura, em especial na Literatura Infantil, é necessário, urgente e relevante, não somente na academia.

O interesse por pesquisar sobre Literatura com um olhar mais atento para os assuntos relacionados a gênero e raça se iniciam nos meus primeiros anos na graduação em Letras. Já no primeiro ano do curso entrei no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), e com orientação da professora Dr<sup>a</sup> Lígia Paula

Couto, comecei a fazer leituras mais atentas com relação a gênero, raça relacionadas à Língua Espanhola e Literatura. No Programa, eu cresci e aprendi muito sobre esses temas.

Então, em 2018, iniciei minha trajetória como pesquisadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), orientada pela professora Dr<sup>a</sup> Marly Catarina Soares, na área dos estudos de Mulher e Literatura. Naquele momento, escolhi analisar o livro *Betina* (2009), da autora Nilma Lino Gomes; esse livro me deu subsídios para discutir, mesmo que brevemente, sobre a representação da mulher e da menina negra na Literatura Infantil, fazendo reflexões relacionadas a gênero e raça. Esse início foi a base para que meu desejo pela pesquisa pela Literatura e interseccionalidade aflorasse.

Em 2019 e 2020, continuei com meus estudos relacionados à Escrita Feminina e Estudos de Gênero, percebendo como a mulher, principalmente a mulher negra é representada na Literatura Brasileira Contemporânea, analisando as personagens femininas do livro *O tapete voador* (2017), da autora Cristiane Sobral, a partir de uma perspectiva da Crítica Feminista. Foi através das pesquisas realizadas durante o PIBIC que criei uma bagagem de leituras, fichamentos, análises e conhecimentos que também reverberam neste e em outros trabalhos.

No mesmo ano, apresentei meu Trabalho de Conclusão de Curso, também pelo viés da Crítica Feminista, com um olhar para a mulher latino-americana, a partir dos contos de Isabel Allende (1996) com orientação da professora Me. Melissa Andres Freitas, foi um trabalho lindo e gratificante; eu acredito que essa pesquisa me fez entender melhor as relações de poder e a necessidade de nós, mulheres, lutarmos por voz e espaço.

As aulas das disciplinas que cursei no primeiro ano do mestrado, me ajudaram a (re)pensar sobre minha pesquisa e a selecionar os livros que foram analisados neste trabalho. Na disciplina de Linguagem e Estudos Étnico-raciais, ministrada pela professora Dr<sup>a</sup> Ione da Silva Jovino, compreendi o processo de escrevivência e de autoria feminina negra, tive um contato mais profundo com a Literatura Indígena e, a partir das leituras de Stuart Hall (2003), percebi como é importante estudar sobre a questão dos estereótipos de representação de negros e negras, principalmente ao selecionarmos livros de Literatura Infantil. Poder fazer o estágio de docência com a professora Ione na disciplina de Literatura infanto-juvenil na graduação do curso de

Letras, também me proporcionou conhecer várias autoras e autores de Literatura Infantil, como também textos teóricos que estão presentes nessa pesquisa.

As aulas da disciplina de Letramento Racial Crítico, Formação de Professoras/es e Materiais Didáticos, realizada pela professora Dr<sup>a</sup> Aparecida de Jesus Ferreira, também foram de extrema importância para que eu compreendesse melhor as questões referentes à interseccionalidade entre raça, gênero, classe social, etc. Muitas das leituras também colaboraram para a escrita deste trabalho.

Durante a disciplina de Identidade, Cultura e Pluralidade, ministrada pela professora Dr<sup>a</sup> Marly Catarina Soares, realizamos muitas leituras referente aos estudos de gênero, raça, sexualidade e outras intersecções. Essas leituras também aparecem neste trabalho e foram fundamentais para meu embasamento teórico.

Da mesma forma, durante as aulas da disciplina de Interseccionalidade, Currículo e Equidade ministradas pela professora Dr<sup>a</sup> Margarida Gandara Rauen da Universidade do Centro Oeste e das aulas de Literatura e outras artes, ministradas pela professora Dr<sup>a</sup> Keli Pacheco me ajudaram a compreender a importância de pesquisas que valorizam a voz de mulheres.

Essas leituras que fiz, tanto durante as disciplinas como a partir das discussões feitas durante as aulas ao longo do curso de mestrado, ampliaram meu conhecimento e agregaram a esta pesquisa.

Considero a minha trajetória enquanto acadêmica, pesquisadora e leitora, assim como também a presença de mulheres fortes que estiveram comigo, que me orientaram a perceber melhor sobre o universo literário, fundamentais para que essa dissertação fosse possível.

Por isso, precisamos dar voz às mulheres! Com esse trabalho, desejo levar para a sociedade, para o ambiente escolar, mas não restrito a ele, alguns dos questionamentos e discussões que acontecem na universidade e que podem de alguma forma ajudar a trabalharmos de maneira interseccional com a Literatura Infantil nas escolas e na comunidade em geral.

#### **Justificativa de usar nomes das autoras por extenso:**

As normas acadêmicas para publicações de trabalhos científicos, no geral, organizam os créditos de autoria por sobrenome e, ao fazer isso, é possível que, em primeiro momento, o leitor pense que se trata de um autor homem. A respeito do assunto, concordamos com Sandra Nodari (2021) quando diz que:

Ao ler, por exemplo, QUADROS. S. ou MOREIRA. M., não há como saber a qual gênero pertence quem escreveu o texto. Porém, numa cultura onde o homem historicamente produz e publica mais, é comum que os sobrenomes sejam ligados a pesquisadores e não a pesquisadoras. Alterar o modo como as mulheres são creditadas em trabalhos científicos é urgente. (NODARI, 2021)

Sabemos que as mulheres foram silenciadas de inúmeras formas ao longo da História e, quando analisamos a trajetória da escrita de mulheres, percebemos que muitas utilizavam pseudônimos masculinos para publicarem suas obras, ou elas continuariam escondidas em suas gavetas. Para que esses silenciamentos e invisibilidades não ocorram mais, acreditamos que ao referenciar mulheres é importante que seu nome venha escrito por extenso, proporcionando visibilidade para a autoria feminina, portanto, o nome de todas as pesquisadoras e escritoras utilizadas nesta dissertação estarão escritos por extenso, tanto no corpo do texto quanto nas referências.

### **Justificativa de usar o termo Literatura Infantil**

Embora existam muitas nomenclaturas para se referir à produção literária para crianças, decidimos por utilizar o termo Literatura Infantil ou de forma abreviada a sigla (LI), uma vez que, as obras analisadas são destinadas para esse público, no entanto, manteremos os outros termos como literatura Infantil e juvenil, literatura para crianças, literatura infanto-juvenil, etc, caso algum dos autores e autoras os utilizem (JOVINO, 2017).

### **Justificativas de pesquisa:**

Consideramos como ponto de partida as contribuições de bell hooks (2021), quando a autora diz que “a literatura Infantil é um dos locais cruciais para a educação feminista, para a conscientização crítica, exatamente porque crenças e identidades ainda estão sendo formadas” (bell hooks, 2021, p. 53), assim, quando refletimos sobre os espaços que as crianças frequentam, percebemos fortemente pensamentos retrógrados referente a gênero e relações étnico-raciais. Segundo a autora, a educação pública para crianças precisa ser um local no qual seja possível criar currículos sem preconceitos, dessa forma, seja nos parquinhos, nas escolas, em uma roda de conversa e oficinas com o público infantil e professoras da rede infantil,

podemos mediar a leitura dos livros e propiciar o pensamento crítico, a (re)construção das identidades e possibilitar um ensino antirracista e antissexista (bell hooks, 2021).

O que motivou esse trabalho foi justamente perceber como são representadas as personagens femininas (meninas e mulheres negras) na Literatura Infantil Contemporânea escrita por mulheres negras, buscando uma aproximação não apenas em sala de aula, mas percebendo a LI como arte, valorizando o trabalho das autoras e considerando a criança como leitor(a) literário(a) em formação.

A escolha por analisar os livros de LI se dá porque, antes mesmo da criança ter contato com o ambiente escolar, ela já escuta as histórias infantis mediadas pela mãe, ou pai, avô, avó, tios e tias, irmãos mais velhos, etc. Ao ingressar na escola, ainda nos anos iniciais da Educação Infantil e Ensino Fundamental, esse material é muito utilizado, seja por meio da contação de história ou da leitura dos alunos (OLIVEIRA, 2019). O foco deste trabalho não é tratar de ensino ou escola, apesar dos temas abordados aqui serem muito discutidos em sala de aula, entendemos que isso não inviabiliza que professoras e professores utilizem essa pesquisa com seus alunos, como ferramenta para desenvolver suas leituras e análises de literatura Infantil, produzida por mulheres negras.

Outro fato que motivou a realização desta pesquisa foram as lacunas de pesquisa na área de Letras, como também as lacunas referentes aos temas de investigação. O Quadro I apresenta resultados da busca por pesquisas no Portal Biblioteca Digital Brasileira de Tese e Dissertações (BDTD), a partir das palavras-chave: “literatura infantil antirracista”; “literatura infantil antissexista”; “literatura infantil e autoria feminina”; “literatura infantil e autoria feminina”; literatura infantil e mulheres negras e um recorte temporal de publicações entre 2017 e 2022. Na caixa de busca da plataforma, inserimos as palavras-chave ligadas à temática desta pesquisa, primeiramente sem recorte por área e depois a totalidade por área:

QUADRO 1- BUSCA POR PESQUISA SOBRE LITERATURA INFANTIL ANTIRRACISTA E ANTISSEXISTA, AUTORIA FEMININA E MULHERES NEGRAS

(continua)

BUSCA POR ASSUNTO	DISSERTAÇÃO	TESE	ÁREA DE LETRAS
“literatura infantil antirracista”	9	1	7

QUADRO 1- BUSCA POR PESQUISA SOBRE LITERARURA INFANTIL ANTIRRACISTA E ANTISSEXISTA, AUTORIA FEMININA E MULHERES NEGRAS

(conclusão)

BUSCA POR ASSUNTO	DISSERTAÇÃO	TESE	ÁREA DE LETRAS
“literatura infantil antissexista”	0	0	0
“literatura infantil e autoria feminina”	17	4	7
“literatura infantil e autoria feminina”	1	0	0
literatura infantil e mulheres negras	6	0	1

Fonte: Portal Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (2022)

Nota: Dados coletados e organizados pela autora

A partir dos dados coletados na plataforma da BDTD, percebemos que ainda não há um número tão significativo de teses e dissertações sobre os temas em questão. Embora o número de pesquisas encontradas a partir das palavras “literatura infantil e autoria feminina” seja o mais expressivo do quadro, quando acrescentamos a palavra “negra”, o número despencou. Dessa forma, o quadro que apresentamos, mostra a relevância de ocupar e/ou preencher essas lacunas que existem quando o assunto é Literatura Infantil, gênero e raça, principalmente na área de Letras.

#### OBJETIVOS:

Analisar como são representadas as personagens mulheres e meninas negras na Literatura Infantil Contemporânea escrita por mulheres negras a partir de uma perspectiva da Interseccionalidade e da Crítica Feminista;

#### PERGUNTAS DE PESQUISA

Qual a importância de livros de Literatura Infantil escritos por mulheres negras?

Como os livros selecionados abordam o tema referente à interseccionalidade entre gênero e raça?

Qual a relevância da representação de personagens femininas (meninas e mulheres negras) na LI?

Há possibilidade(s) de uma abordagem significativa e positiva para fomentar discussões e reflexões sobre gênero e raça a partir da leitura de livros de Literatura Infantil?

Para que consigamos fazer nossas discussões, reflexões e análises nessa dissertação, usaremos o conceito de Interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw (2002) como ferramenta analítica, pensando no Feminismo Negro, pois contempla várias categorias de opressão que as mulheres e meninas sofrem. Analisamos três livros de Literatura Infantil de autoria de mulheres negras, que são: *Com qual penteado eu vou?* (2021) de Kiusam de Oliveira, *As bonecas negras de Lara* (2017) de Aparecida de Jesus Ferreira e *O fio da memória* (2021) escrito por Fabiana Sasi.

Esta dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo, apresento sobre *Autoria de mulheres*, principalmente de mulheres negras, e as questões que permeiam o Feminismo Negro: as intersecções entre gênero e raça, considerando principalmente a trajetória das mulheres do âmbito da autoria literária, focando nas obras de Literatura Infantil antes e após as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

No segundo capítulo apresento a discussão sobre a *Literatura Infantil* com um olhar para a LI no Brasil, seu início e suas mudanças ao longo dos anos, as diferenças que o livro literário infantil apresenta, ou seja, as narrativas visuais e verbais e também sobre a necessidade de um mediador literário.

O terceiro e último capítulo apresentamos a análise literária, com o foco nas personagens femininas, organizada em 4 tópicos, a partir dos livros selecionados: *Com qual penteado eu vou?* (2021) de Kiusam de Oliveira, *As bonecas negras de Lara* (2017) de Aparecida de Jesus Ferreira e *O fio da memória* (2021) escrito por Fabiana Sasi; no último tópico, aponto as singularidades e pluralidades de cada livro analisado.

## 1. FEMINISMO NEGRO: AUTORIA DE MULHERES E INTERSECÇÕES

O feminismo é a teoria e a prática que lutam para libertar todas as mulheres: racializadas, da classe trabalhadora, pobres, com deficiência, lésbicas, idosas — assim como mulheres brancas, com privilégios econômicos e heterossexuais. Qualquer coisa menos do que essa visão de liberdade total não é feminismo, mas apenas auto engrandecimento feminino.

(Barbara Smith)

Neste capítulo, abordamos sobre as temáticas do Feminismo, do Feminismo Negro e a interseccionalidade, também sobre o processo de publicações de mulheres na Literatura e posteriormente na Literatura Infantil, por fim, trazemos as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 e suas influências.

O Feminismo tem ganhado cada dia mais espaço na sociedade, principalmente nas discussões que envolvem a academia. Iniciou-se entre os séculos 19 e 20, mas conforme afirmam Larissa Silva e Eldon Mühl (2020), mesmo com muitas conquistas de direitos que ao longo dos anos o Movimento garantiu, falar sobre Feminismo e questões relacionadas a gênero é um dos temas vistos como tabu, principalmente quando se trata do contexto escolar.

É pertinente pensarmos que nas décadas de 70 e 80 o Feminismo ganhava mais espaço na sociedade e mais mulheres resistiam às opressões sofridas. Apesar da expansão do Movimento Feminista, as pautas levantadas pelas mulheres do Movimento não contemplavam todas as mulheres. É inevitável pensarmos que a palavra mulher abarca uma complexidade imensa, e ao longo dos anos, o próprio significado da palavra mulher foi mudando e se moldando.

Nosso trabalho não vai conseguir definir o que é ou não ser mulher, principalmente se considerarmos as individualidades. As mulheres negras, por exemplo, nunca foram tratadas como frágeis e foram expostas a inúmeras opressões como força de trabalho e objeto sexual, aqui percebemos que os cruzamentos entre gênero e raça produzem essa opressão e diferem as mulheres negras das não negras. Este exemplo é apenas um entre uma infinita cadeia de intersecções, que mesmo que tentássemos defini-la poderíamos esquecer de algo. (CARNEIRO, 2003)

A partir dos estudos de Sueli Carneiro (2003), observamos que, enquanto mulheres brancas de classe mais abastada buscavam seus direitos relacionados às injustiças relacionadas ao gênero, as mulheres negras, indígenas, trans, lésbicas e de classe popular, além das violências sofridas por serem mulheres também sofriam e



infelizmente ainda sofrem opressões relacionadas à raça, sexualidade e classe social e o Movimento feminista não percebia ou não queria notar que suas bandeiras não estavam incluindo todas as mulheres.

A filósofa Angela Davis nos lembra o poderoso discurso feito na primeira Convenção Nacional pelos Direitos das Mulheres nos Estados Unidos, em 1852 pela Sojourner Truth<sup>1</sup>, por uma mulher negra e ativista dos direitos das mulheres:

“Não sou eu uma mulher?” Com uma voz que soava como “o eco de um trovão”, ela disse: “Olhe para mim! Olhe para o meu braço”, e levantou a manga para revelar a “extraordinária força muscular” de seu braço. “Arei a terra, plantei, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem - quando eu conseguia comida - e aguentava o chicote da mesma forma! Não sou eu uma mulher? Dei à luz treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou eu uma mulher?” (DAVIS, 2016, p. 97).

A importância que esse discurso tem para os feminismos é de extrema relevância, principalmente para o Feminismo Negro. Em seu discurso, Sojourner Truth aborda a invisibilidade que as mulheres negras sofriam dentro do Feminismo e torna-se emblemático para os estudos feministas porque as reivindicações das feministas brancas e pertencentes a uma classe social mais favorecida não contemplavam as experiências das mulheres negras.

## 1.1 AS INTERSECÇÕES

Ao pensarmos em Feminismo de maneira interseccional, é necessário entender o que significa *interseccionalidade*. O termo foi utilizado pela primeira vez em 1989 por Kimberlé Crenshaw e está em várias pautas na atualidade. Para a autora:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p.177)

---

<sup>1</sup> Sojourner Truth foi o nome utilizado por Isabella Baumfree, uma mulher negra, ativista e abolicionista e defensora dos direitos das mulheres.

Portanto, entende-se como interseccionalidade o cruzamento entre os sistemas de opressões que atravessam o ser humano em determinado tempo histórico. Nos países que vivenciaram a colonização europeia, como é o caso do Brasil e dos países da América Latina, temos a ideia de raça, a divisão de gênero, a etnia, a sexualidade, a etariedade, que são discriminações atuantes como marcadores sociais.

A mesma autora ao trazer o termo interseccionalidade, utiliza de forma metafórica o trânsito, uma intersecção, suscitando nossa reflexão que assim como no trânsito, em que em uma intersecção várias ruas se atravessam, as opressões que atravessam os corpos dos sujeitos não vêm em uma linha reta, tampouco apenas de uma vertente, mas de várias categorias de opressões.

A pesquisadora brasileira Carla Akotirene publicou um livro nomeado como *Interseccionalidade* (2020), da série de livros *Feminismos Plurais*, nesse livro, afirma que há “avenidas identitárias”, nas quais as mulheres, principalmente mulheres negras são inúmeras vezes atingidas por esses cruzamentos entre: gênero, raça e classe, etc. Ao escrever sobre o tema, a autora concorda com Kimberlé Crenshaw (2002) ao falar da interação simultânea das avenidas identitárias, nas quais o Feminismo branco, por exemplo, não abarca as questões das mulheres negras relacionadas à raça e como o Movimento Negro falha ao deixar de lado as necessidades das mulheres negras quando o assunto é gênero.

Conforme os estudos de Crenshaw (2002), as vivências de cada mulher com relação às violências atreladas ao gênero diferem e entre os fatores que provocam essas diferenças estão a raça e a classe social. Também aponta que ações políticas específicas geram opressões, neste caso, podemos aproximar com o contexto atual do Brasil em que conforme dados do artigo *Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil* (2019) 52,9% das vítimas de violência são mulheres negras, ou seja, pretas e pardas, enquanto 23,5% são mulheres brancas.

O texto ainda destaca a importância de se observar o recorte racial das vítimas, considerando que as mulheres negras são as que mais sofrem violência e acumulam outras vulnerabilidades. Percebemos que, mesmo os movimentos sociais engajados nas causas relacionadas à raça e classe social não tinham participação efetiva de mulheres, principalmente das mulheres negras, na maioria desses movimentos eram liderados por homens.

Considerando o exposto, antes mesmo do termo interseccionalidade ser utilizado pela primeira vez por Kimberlé Crenshaw, já era pensado e colocado em

prática por outras pesquisadoras e ativistas negras como Sojourner Truth e bell hooks, nos Estados Unidos e Lélia Gonzalez no Brasil, por exemplo.

O discurso “Não sou eu uma mulher?” de Sojourner Truth em 1851 ela não apenas refutou os argumentos dos homens que diziam que as mulheres pertenciam a um “sexo frágil” e que não conseguiam subir sozinhas em carruagem ou pular poças de lama, mas também contestou o comportamento racista das mulheres brancas pertencentes ao grupo feminista, que na convenção em Akron, Ohio murmuravam “Não deixe ela falar!” (DAVIS, 2016, p. 74):

Arei a terra, plantei, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem – quando eu conseguia comida – e aguentava o chicote da mesma forma! Não sou eu uma mulher? Dei à luz treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou eu uma mulher? (TRUTH, apud DAVIS, 2016, p.74):

É possível perceber, que em seu discurso havia várias intersecções: gênero, raça, sexualidade, classe social, etc. A palavra interseccionalidade ainda não existia, mas suas colaborações apontam para um Feminismo Negro com um olhar para a interseccionalidade. bell hooks (2021) também percebe, mas ainda sem utilizar a palavra interseccionalidade, que é necessário pensar nas outras intersecções que afetam as mulheres. Para a autora, as mulheres brancas, por exemplo, ocupam uma posição de poder que pode ser utilizada como forma de dominação e exploração de outros grupos de mulheres, por isso a necessidade de se dispor desse poder de dominação para que haja a sororidade feminista de fato:

A sororidade feminista está fundamentada no comprometimento compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, não importa a forma que a injustiça toma. Solidariedade política entre mulheres sempre enfraquece o sexismo e prepara o caminho para derrubar o patriarcado. É importante destacar que a sororidade jamais teria sido possível para além dos limites de raça e classe, se mulheres individuais não estivessem dispostas a abrir mão de seu poder de dominação e exploração de grupos subordinados de mulheres. Enquanto mulheres usarem poder de classe e de raça para dominar outras mulheres, a sororidade feminista não poderá existir por completo. (HOOKS, 2021, p. 43)

Tanto Sojourner quanto bell hooks apontam para que, de fato, o Feminismo somente não conseguia abarcar as necessidades e opressões que todas as mulheres tinham. No Brasil, a pesquisadora Lélia Gonzalez diz que “Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão”

(GONZALEZ, 2018, p. 44), ou seja, para uma mulher/menina negra não há apenas um nível de opressão, mas vários.

Gloria Anzaldúa no ensaio *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo* (1980) nos convida a refletir sobre essas interseccionalidades. Neste ensaio, a autora discute que a mulher não branca é invisível no mundo dominado pelos homens brancos e também no Feminismo formado por mulheres brancas, além das questões de sexualidade, como no caso das lésbicas de cor que em muitos feminismos é invisibilizada e em outros é inexistente, assim como em grande parte da sociedade.

A partir do momento em que percebemos esses diversos cruzamentos que existem entre gênero, raça, classe, sexualidade, etc., é que nos permitimos a ler e a refletir as realidades existentes no mundo de uma maneira mais completa.

Como vimos, mulheres negras não eram representadas no Feminismo, nós ainda estamos observando um dos inúmeros grupos que não faziam e raramente fazem parte das discussões feministas. Mulheres indígenas não aparecem como protagonistas nesse movimento, tampouco suas opressões e necessidades são abordadas, assim como mulheres trans não são vistas como mulheres por algumas vertentes do movimento feminista. Não conseguiremos abordar nessa dissertação todas as opressões sofridas por mulheres, mas ao pesquisarmos sobre interseccionalidade é inevitável que nos questionemos se de fato o Feminismo é para todas e todos.

Quando bell hooks fala que “O feminismo é para todo mundo”, incluindo não apenas todas as mulheres, mas também os homens ela fala sobre interseccionalidade: “No mais íntimo do meu ser, sabia que nunca teríamos um movimento feminista bem-sucedido se não conseguíssemos incentivar todo mundo, **pessoas femininas e masculinas**, mulheres e homens, **meninas e meninos**, a se aproximar do feminismo.” (2021, p. 10) Além de citar o termo “pessoas” e não somente mulheres e homens, bell hooks (2021) também considera importante para o Movimento Feminista, a participação das crianças quando utiliza as palavras “meninos” e “meninas”. Dessa forma, podemos compreender que, além do termo interseccionalidade existir muito antes da palavra ser reconhecida com esse significado, devemos aproximar as crianças do Feminismo para que o movimento seja de fato bem-sucedido.

### 1.1.1 Publicação de autoria feminina e o espaço editorial

Falar de mulher no mercado de trabalho, principalmente no âmbito editorial é tratar também sobre interseccionalidade. As diferentes hierarquias que existem, e sempre existiram no mercado de trabalho, não são somente divisões binárias de gênero, os papéis e lugares que homens podiam exercer e estar não eram destinados às mulheres, como nos debates e no meio político, por exemplo, em que o acesso durante muito tempo era apenas masculino.

Por outro lado, percebemos que as mulheres acabam exercendo certas atividades as quais os homens na maioria das vezes estão isentos, como no cuidado da casa e dos filhos. É claro que essas questões também estão vinculadas à sociedade patriarcal em que vivemos, mas precisamos ampliar nossa visão sobre o tema.

Flavia Biroli (2019) nos ajuda a entender que nem sempre as mulheres estão em uma posição inferior no mercado de trabalho, ou pelo menos não todas as mulheres, uma vez que os privilégios não são apenas sobre o gênero:

A divisão sexual do trabalho incide sobre mulheres e homens em conjunto com sua posição de classe e com o racismo estrutural. Não é possível, assim, pressupor que os privilégios estão sempre entre os homens, e as desvantagens e as formas mais acentuadas de exploração, entre as mulheres. (BIROLI, 2019, p. 21)

Assim, gênero é um ponto importante tanto para a divisão do mercado de trabalho, no qual estudos apontam que mulheres, mesmo exercendo a mesma função ganham menos que os homens, ou no trabalho doméstico, por exemplo, que mulheres acabam tendo uma jornada dupla, trabalhando fora de casa e também realizando os afazeres domésticos sozinha, são situações em que percebemos que o recorte de gênero é importante sim, mas ele não pode ou não deve ser nosso único delineamento, uma vez que, apesar de todas as mulheres sofrerem em algum nível essas disparidades no mercado de trabalho, se reconhecermos outras intersecções de privilégios ou desvantagens nos recortes também raciais e de classe, teremos resultados diferentes.

Para nossa reflexão, consideramos os dois pressupostos de Flávia Biroli que são:

O primeiro deles é que a divisão sexual do trabalho é uma base fundamental sobre a qual se assentam hierarquias de gênero nas sociedades contemporâneas, ativando restrições e desvantagens que modulam as

trajetórias das mulheres. O segundo pressuposto é que as hierarquias de gênero assumem formas diferenciadas segundo a posição de classe e raça das mulheres. (BIROLI, 2018, p. 22)

A partir das considerações de Biroli (2018), podemos apontar inicialmente que para uma mulher entrar no mundo editorial foi e ainda é difícil, uma vez que a sua trajetória no mercado de trabalho já era restrita e dificultada somente por ter nascido mulher. Pensando em mulheres não brancas, de classe menos ou nada abastada, a situação foi -e é- ainda mais difícil.

### **Os primeiros avanços**

Por muitos séculos, as mulheres foram silenciadas de várias maneiras e em inúmeros níveis. É perceptível não apenas no mercado de trabalho, mas também na política, nas relações afetivas, na educação, entre outras situações. A pesquisadora Michelle Perrot (2005) afirma que esse silenciamento não foi apenas na fala, mas também como e quando as mulheres se expressavam, gesticulavam ou escreviam e as mulheres foram obrigadas a “aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se” por muito tempo (PERROT, 2005, p. 10).

O debate sobre o mercado de trabalho sempre foi um tema nos Movimentos Feministas, com a primeira onda<sup>2</sup> do feminismo, as mulheres conquistaram o direito ao voto, à propriedade e à educação, o que proporcionou a algumas mulheres, principalmente aquelas que já vinham de uma família rica, o poder de fazer escolhas, participar de ambientes que antes só eram ocupados por homens. (OLIVEIRA, 2020)

Com o avanço da Revolução Industrial, as mulheres iniciaram suas atividades remuneradas nas fábricas, mas isso só aumentou sua jornada de trabalho, uma vez que elas já cuidavam do lar, cozinhando, lavando e passando roupa, cuidando dos filhos e, nessas atividades não obtinham nenhuma remuneração. A jornada dupla de trabalho não afetava os homens, que somente realizavam o trabalho remunerado e, desta forma, conseguiam alavancar suas carreiras, enquanto as mulheres se sobrecarregavam e eram taxadas de insuficientes, fracas e dependentes financeiramente. Embora esse recorte temporal seja de séculos atrás, essas ações ainda reverberam na nossa realidade atual.

Tedeschi (2016) reitera que as mulheres só conseguiram ser escritoras e ter mais visibilidade nesse âmbito em meados do século XVIII, ainda com princípios que

---

<sup>2</sup> A primeira onda do feminismo é referente ao movimento sufragista, no qual mulheres reivindicavam seu direito de ingresso ao mercado de trabalho, ao voto feminino entre outros.

não fossem de encontro às regras estipuladas pelo patriarcado, ou seja, os temas que elas poderiam escrever ainda eram os homens que determinavam e caso alguma fugisse à regra, não teria sua obra publicada ou seria muito criticada, uma vez que os críticos literários eram majoritariamente homens e brancos, os quais tinham dinheiro e conseqüentemente poder.

Podemos citar à guisa de exemplo, a crítica da obra *O quinze* de Rachel de Queiroz, feita por Graciliano Ramos:

O quinze caiu de repente ali por meados de 1930 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser livro de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova. **Seria realmente de mulher? Não acreditei.** Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça: Não há ninguém com esse nome. É pilhéria. **Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado.** Depois, conheci João Miguel e conheci Raquel de Queirós, mas ficou-me durante muito tempo a idéia idiota de que ela era homem, **tão forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura.** Se a moça fizesse discursos e sonetos, muito bem. Mas escrever João Miguel e *O quinze* não me parecia natural. (RAMOS, 1980, p. 137 apud, DUARTE, 2003, p. 164, grifo nosso)

Mesmo para Graciliano Ramos, que foi um homem à frente de seu tempo, que denunciava o descaso social não somente nas suas obras de ficção, mas em seus diálogos, afirma que o preconceito excludente das mulheres na literatura ainda estava presente em sua percepção ao ler o livro de Rachel de Queiroz (1930).

A dúvida de que uma mulher poderia escrever não se tratava apenas de não poder escrever um romance, mas até mesmo os poemas escritos por mulheres foram inúmeras vezes criticados por homens, Sívio Romero considerou alguns dos poemas publicados em 1872 por Narcísia Amália de Campos “indignos de ocupar as páginas de um livro de mulher” (ROMERO, apud TELES, 2008, p. 422). Nunca foi sobre a qualidade ou a temática dos escritos das autoras, mas sim pelo fato de serem mulheres escrevendo, esse espaço não era considerado lugar para elas.

Embora já escrevessem tardiamente, mulheres só puderam participar no ambiente editorial muito tarde e isso refletiu até os dias atuais, em que grande parte dos livros considerados clássicos, que estão presentes em nossas estantes e nas bibliotecas de modo geral tem, na maioria das vezes, um homem como autor. Somente no século XIX a comercialização de obras de autoria feminina foi intensificada e ainda, os críticos se referiam a essas obras escritas por mulheres como inferiores, comparando-as com a dos homens. É válido destacar que quem realizava essas críticas também tinha o poder de definir o que se encaixava nos padrões do que

era bom ou não, a partir dos conceitos patriarcais, ou seja, quem avaliava as obras eram os homens.

Em muitos casos, as mulheres publicaram suas obras através de pseudônimos, principalmente masculinos, pois uma mulher escritora ainda não era bem-vista pela sociedade da época. No Brasil, a primeira obra publicada por uma mulher foi "Úrsula" escrita pela autora Maria Firmino dos Reis<sup>3</sup>, é importante relatar que ela foi, também, a primeira mulher negra a publicar um livro nos países falantes de língua portuguesa, tornando-se pioneira em diversas áreas do meio editorial. Apesar de Marina Firmino dos Reis ter escrito e publicado o romance *Úrsula*, até 2012 os créditos foram dados a escritora gaúcha Maria Benedita Câmara (1853-1895), conhecida como Délia. Essa "confusão" sobre os créditos da primeira obra de autoria feminina no Brasil demonstra mais uma vez a invisibilidade e o silenciamento de mulheres, principalmente das escritoras negras. (NEIVA, 2020)

Somente com o avanço do Movimento feminista e particularmente da Crítica Literária Feminista é que mulheres tiveram mais espaço para escrever como, por e para mulheres. Sobre a Crítica Literária Feminista, a pesquisadora Eliane T. A. Campello nos ajuda a entender melhor sobre sua aplicabilidade:

Construída sobre dois eixos essenciais – o da recuperação (resgate de obras esquecidas pela historiografia) e o da revisão (propostas de leituras com base na categoria de gênero, que dá conta do sexo, classe e etnia) – a Crítica Literária Feminista confere visibilidade a escritoras e suas obras, do passado e do presente. (CAMPELLO, 2009, p. 5)

O eixo revisionista da Crítica Literária Feminista inicia ainda quando as mulheres não publicavam suas obras e raramente escreviam, mas eram leitoras das obras já publicadas por homens, uma vez que percebiam que a representação das personagens femininas era como seres passivos e com personalidades negativas, diferente das personagens masculinas as quais tinham como característica a coragem, ousadia e sucesso. Esse foi um dos processos mais importantes para a teoria, pois foram analisadas inúmeras obras escritas por homens que continham personagens estereotipados, como por exemplo, *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes (BELLIN, 2011).

Com o aumento da escolarização e das publicações feitas por mulheres, o foco da Crítica Feminista mudou e as obras escritas por mulheres começam a ser

---

<sup>3</sup> Até mesmo Maria Firmino teve um pseudônimo: chamada por muitos de "uma maranhense".



analisadas. Elaine Showalter nomeia essa fase como “ginocrítica”, na qual as mulheres deram início às suas análises de obras escritas por mulheres, com o foco na autoria feminina, sua trajetória e carreira, outros aspectos relacionados ao enredo, personagens e elementos da narrativa se fazem presentes na Crítica, ou seja, havia análise, avaliação e também as características literárias dos escritos femininos e feministas. (SHOWALTER, 1994, p. 29). Esta pesquisa aqui apresentada, por exemplo, utiliza a Crítica Literária Feminista para analisar as obras a partir de uma leitura feminista e de gênero. A respeito do assunto, Greicy Pinto Bellin colabora dizendo que:

uma leitura feminista e/ou de gênero leva em consideração, na análise de uma obra, o gênero do autor, o gênero do leitor e as configurações sociais que permeiam a vida de homens e mulheres, o que não quer dizer que o texto literário seja uma “cópia” ou um mero reflexo da realidade, pelo contrário: ele é um amálgama de dados **ficcionais e reais**, de forma que a realidade nunca é refletida na estrutura ficcional, e sim filtrada por fatores estéticos. Isso se torna ainda mais evidente quando concebemos o gênero como uma representação, e esta representação como sua construção, que se dá de várias maneiras nas instâncias da sociedade, de forma que **não podemos dissociar uma análise de gênero das condições de vida em um dado ambiente social**. Sendo assim, as representações literárias do gênero são também construções, marcadas por fatores culturais e, ao mesmo tempo, estéticos, uma vez que, mesmo fazendo uma análise sociológica, não podemos negligenciar as convenções estéticas na interpretação de uma obra. (BELLIN, p. 11, 2011, grifo nosso)

Quando propomos uma pesquisa feminista, partimos do conceito de que somos mulheres leitoras, que fazemos escolhas e análises, a seleção das obras, das teorias e das autoras que fazem parte da nossa leitura feminista, mas analisar as personagens femininas, o ambiente e o contexto em que estão inseridas não tira o valor estético que a obra literária tem, pelo contrário, tanto uma obra verossímil quanto uma obra de cunho fantástico tem seu valor estético e em ambos os casos não podemos fazer uma análise sem verificar também os valores culturais que a obra traz ou o contexto em que está inserida.

A dificuldade de publicar um livro se inicia na escrita, pois é necessário ter tempo, um ambiente em que a escrita flua, como afirma a escritora Virgínia Wolf (2014) em *Um teto todo seu* ao falar das extremas dificuldades na luta das mulheres para iniciar seus projetos no meio literário, o que inclui a falta de dinheiro para se sustentar e também para o processo de publicação, além das lutas para fugir dos aprisionamentos e preconceitos. A autora toca em diversas dificuldades vividas pelas

mulheres que se arriscam a embarcar na escrita literária, e que essas dificuldades estão interligadas: gênero, raça e classe social.

Além disso, o processo de publicação de um livro já finalizado e revisado precisa passar pelas exigências das editoras e os obstáculos não acabam após a publicação, pois o livro pode ser um fracasso em vendas ou também ter desaprovação do público leitor. Desta forma, antes de afirmarmos que é imprescindível ler mulheres, principalmente mulheres negras, precisamos entender que:

Quando escolhemos o que ler, esse ato já é secundário. **A disponibilidade do material já foi uma seleção**, ou seja, nós escolhemos o já escolhido. As sucessivas seleções que antecedem a nossa foram feitas sem que pedíssemos. É entre apenas o que está disponível que podemos exercer a nossa limitada liberdade de escolha. (CUTI, 2010)

Quando Cuti (2010) afirma que “A disponibilidade do material já foi uma seleção”, o autor coloca em pauta as dificuldades anteriores à publicação do livro e expõe as inúmeras barreiras que escritores negros passam antes de serem reconhecidos como autores de fato, mas que em muitos dos casos não conseguem ultrapassar, e a consequência está nas nossas estantes, majoritariamente composta por livros de autores homens brancos.

Apesar dos encalhes e atravancos para a publicação de um livro de autoria de uma mulher negra, algumas editoras e livrarias se dedicam a publicar e vender somente mulheres, como por exemplo, a livraria *Gato sem Rabo*<sup>4</sup>, inaugurada em 2021 que tem em suas estantes apenas livros escritos por autoras mulheres e a editora *Dita livros*<sup>5</sup> que aposta na publicação de livros de autoria de mulheres e pessoas LGBTQ+. Algumas editoras também se empenham em publicar livros de autores e autoras negras, como é o caso da editora *Aziza*<sup>6</sup> que iniciou esse trabalho no final de 2019 e a editora *Malê*<sup>7</sup> que é uma das mais antigas editoras com esse propósito, tendo iniciado suas atividades em 2015.

Os livros que selecionamos para análise foram publicados nas editoras: *Melhoramentos*<sup>8</sup> (livro *Com qual penteado eu vou*), *ABC Projetos Culturais*<sup>9</sup> (livro *As bonecas negras de Lara*) e com publicação independente, por publicação online (*O fio*

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://linktr.ee/gato.sem.rabo>>. Acesso em 21 jan 2023.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://ditalivros.com.br/>>. Acesso em 21 jan 2023.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://azizaeditora.com.br/>>. Acesso em 21 jan 2023.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.editoramale.com.br/>>. Acesso em 21 jan 2023.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.editoramelhoramentos.com/>>. Acesso em 21 jan 2023.

<sup>9</sup> Disponível em: <[abcprojetos.com.br](http://abcprojetos.com.br)>. Acesso em 21 jan 2023.

*da memória*). Nos sites das editoras, não encontramos os perfis dos(as) autores que são publicados, então não conseguimos verificar se há outras autoras negras no catálogo, por exemplo.

Notamos que, para se publicar um livro, demanda-se tempo e dinheiro. Mesmo fazendo a diferença e proporcionando que mais publicações de autoria feminina e negra cheguem nas estantes brasileiras, as editoras e livrarias que estão à frente desse trabalho são muito recentes, são editoras relativamente pequenas e dispostas em grandes centros. Com isso, percebemos que, embora haja novas oportunidades para autoras negras publicarem suas obras literárias, há dificuldades que vão além do processo de escrita.

Entre as autoras selecionadas, há também diferenças entre as publicações. A autora Aparecida de Jesus Ferreira, para publicar o livro *As bonecas negras de Lara*, participou do Edital nº 01/2014 do Programa de Fomento e Incentivo à Cultura do Paraná, em que contemplaria alguns projetos de livros de literatura Infantil e também outras artes. O livro *As bonecas negras de Lara* foi um dos selecionados e teve o apoio financeiro do PROFICE e da Secretaria da Cultura do Estado do Paraná e posteriormente ganhou o Prêmio Anita Philipovsky de Literatura em 2019, pela Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa.

Fabiana Sasi também participou de um edital, O Edital Criação e Formação – Diversidade das Culturas, realizado pela Secretaria de Estado da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul em parceria com a Fundação Marcopolo com recursos oriundos da Lei nº 14.017/2020, a Lei Aldir Blanc. para a publicação do *O fio da memória*. Fabiana é jornalista e *O fio da memória* é sua primeira e única publicação literária para o público infantil, mas que conquistou o Prêmio Açorianos de Literatura 2023.

Em contrapartida, Kiusam de Oliveira é uma das autoras brasileiras mais reconhecidas por seus livros de Literatura infantil, diferente das outras autoras que analisamos anteriormente, Kiusam já tem mais de 10 livros literários para o público infantil e juvenil publicados e ganhou vários prêmios de literatura. Ser escritora é sua profissão, além de ser professora, podemos considerar que ela é uma exceção de grande relevância à regra da mulher negra no Brasil, uma vez que, são poucas as escritoras negras com tantos livros publicados e com tanto reconhecimento no âmbito literário.

É notável que a publicação de livros exige muita luta, o que inclui tempo, dinheiro e, muitas vezes, fica inviável a difusão da literatura escrita por mulheres.

Dessa forma, as mulheres, e aqui destacamos as mulheres negras escritoras, precisam ter outro trabalho, primeiro para sustento e em segundo plano para bancar as custas da publicação do livro, se são mães a jornada se torna tripla.

A profissão de escritor no Brasil ainda não é valorizada, o baixo índice de alfabetização e a falta do reconhecimento da nossa cultura ainda são problemas a serem enfrentados no cenário brasileiro atual para que autores e autoras de literatura consigam publicar seus escritos e viver da venda das obras.

Portanto, ser escritora ainda é um desafio, pois esse espaço ainda é restrito a um grupo pequeno de pessoas, majoritariamente formado por homens brancos, de classe social abastada que se dedicam apenas à profissão de escritor e, assim, conseguem manter sua subsistência a partir deste ofício.

## 1.2 LITERATURA INFANTIL ESCRITA POR MULHERES

Se observarmos nossas estantes de livros em casa ou na biblioteca das escolas, universidades, e nos mais diversos espaços em que os livros estejam expostos, é possível perceber que a quantidade de homens autores de Literatura é muito maior do que a de autoras mulheres. Isso acontece por diversas razões, mas principalmente pela invisibilidade e silenciamento das mulheres que durou muitos séculos e ainda é recorrente em nossa sociedade. Vejamos as colaborações da pesquisa de Ana Elisa Ribeiro (2016) sobre o assunto:

O apagamento da escritora é mais provável do que o do escritor. Uma das razões disso ainda é a proporção com que escritoras se tornam publicadas, conhecidas, mas, principalmente, respeitadas, em um universo ainda hegemonicamente masculino. Para manter-se na memória coletiva, muitos elementos são necessários, separada ou simultaneamente, sendo difícil isolar características desse processo altamente complexo. Editoras, escolas, compras governamentais, prêmios, eventos, mídia/imprensa (suplementos, revistas, resenhas, programas de TV), assim como legiões de leitores atentos são ingredientes da construção de um escritor conhecido e, talvez, legitimado. (RIBEIRO, 2016, p. 2)

O trecho acima, extraído do artigo da pesquisadora Ana Elisa Ribeiro (2016), nos auxilia na compreensão de que as mulheres escritoras tiveram que ultrapassar inúmeras barreiras para conseguir escrever e publicar suas produções literárias. Por esse motivo, neste tópico, apresentaremos sobre a Literatura Infantil brasileira especialmente produzida por escritoras mulheres.

A Literatura para o público infanto-juvenil teve início no Brasil quando João VI chegou em 1808 e trouxe a imprensa Régia. As primeiras obras impressas eram as traduções e adaptações de obras já escritas e importadas da Europa. Muitas mulheres, jornalistas traduziram obras de outras mulheres que escreviam para o público infanto-juvenil.

Nessa época, a autoria de mulheres na Literatura foi invisibilizada e silenciada, mulheres poderiam escrever apenas sobre assuntos domésticos, dialogando apenas com outras mulheres e com temas delimitados, esses foram alguns dos motivos que levaram algumas dessas autoras a utilizar pseudônimos para escrever suas obras literárias, tanto nomes considerados masculinos, abreviaturas do próprio nome, ou criavam nomes femininos que não tivessem ligação ao próprio nome, como é o caso da escritora Cecília Bandeira de Mello Rebelo de Vasconcelos, por exemplo, que em 1916 publicou com o pseudônimo “Madame Chrysanthème” o livro infantil chamado "Contos para Crianças". (GOMES, 2021)

Uma das primeiras autoras conhecidas de literatura infantil brasileira foi Júlia Lopes de Almeida, sua primeira obra para esse público foi o livro chamado “Contos infantis” publicado em 1886 com coautoria de Adelina Lopes Vieira. Podemos destacar também que ela escreveu vários romances, dramaturgias e contos. Júlia Lopes de Almeida era uma abolicionista brasileira, foi a primeira mulher a participar das reuniões de criação da Academia Brasileira de Letras, mas não foi aceita para a ABL por ser mulher, uma vez que a Academia era totalmente formada por homens. A primeira autora mulher a ser aceita na ABL foi Rachel de Queiroz, 91 anos depois, em 1977. (COSTA, 2018)

Outra escritora literária pioneira no Brasil foi Zalina Rolim, que lançou suas poesias no livro *O coração de poesias* em 1893. Zalina era professora e também precursora na escrita para o público infantil com a publicação da *Revista do Jardim da Infância*, em 1896, uma obra para ser usada nas escolas, mas não apenas isso:

A Revista do Jardim da Infância não era apenas uma publicação de interesse para o professorado, com suas páginas sendo marcadas por uma “alta preocupação pela infância”. Nela encontraríamos não só os programas, horários e relatórios do Jardim da Infância, mas também lições de linguagem, poesias, pequenos contos, lições de desenhos, brinquedos, jogos, cantos etc. (ARROYO, 2011 *apud* OLIVEIRA, 2017, p. 58)

Além da Revista do Jardim da Infância, que foi um grande marco para a educação infantil, Zalina ainda publicou o *Livro das crianças* em 1897, uma coletânea

de poemas que teve o apoio do Governo do Estado de São Paulo para a utilização em todas as escolas públicas do estado (OLIVEIRA, 2017, p. 59). As páginas do livro continham poesias e ilustrações voltadas para o público infantil.

As impressões feitas em jornais, revistas e livros por Zalina Rolim para o público infantil fizeram parte de um marco histórico para a educação infantil da época, no entanto, essas produções, em grande parte eram voltadas somente para a aprendizagem da escrita, leitura e aquisição da linguagem, com uma abordagem totalmente pedagógica, sem preocupação para a Literatura Infantil propriamente.

Uma nova perspectiva sobre as obras literárias para crianças surge a partir dos conceitos literários de Cecília Meireles<sup>10</sup>. Em seus estudos, a autora defendia que a Literatura Infantil não deveria ser apenas para fins pedagógicos, mas também para expandir a imaginação, como ela afirma em *Problemas da Literatura Infantil*: “Os livros de aprender a ler e as histórias que imediatamente se seguem, como dependência desse mecanismo, sem grandes possibilidades para a imaginação.” (MEIRELES, p. 25, 1984). Cecília considerava que a Literatura Infantil deveria ser pensada a partir das preferências das crianças e que sua definição como sendo ou não Literatura Infantil também teria de ser classificada por esse público, a partir do que as crianças leem e consideram útil e prazeroso (MEIRELES, 1984, p.20). Essa concepção que a autora tem do que é a Literatura Infantil e do seu papel para as crianças é que a faz ser única, esse entendimento também reflete em suas obras para o público infantil: *A festa das letras* (1937), *Olhinhos de gato* (1939), *Giroflê, Giroflá* (1956), e *Ou isto ou aquilo* (1964).

Em *Ou isto ou aquilo*, a última obra da escritora, é uma das mais aclamadas pela crítica e nela é possível perceber o que ela defendia sobre o que é Literatura Infantil, conforme nos explica Mariana Batista do Nascimento Silva (2013):

O ritmo sugestivo, as rimas adequadamente compostas e os temas mais variados e surpreendentes induzem um discurso democrático entre livro e leitor que, ao invés de ditar regras de comportamentos e limitar a imaginação, sugere um mundo de sonhos e liberdade de pensamento.

A construção de imagens é um dos pontos centrais desta obra. No poema *Leilão de jardim*, insinua-se a construção mental de uma paisagem que se constitua em um jardim que se alternará em cores, cheiros, formatos e outros aspectos de acordo com o seu leitor. É qual seria a intenção da leitura deste poema, se não a de aflorar a sensibilidade da criança em virtude da beleza e liberdade da vida e do mundo? (SILVA, p. 246, 2013)

---

<sup>10</sup> Cecília Meireles foi e ainda é uma das mais conhecidas escritoras brasileiras, além de ser professora, jornalista e pintora.

Dessa forma, Cecília Meireles contribuiu para uma nova perspectiva sobre a Literatura Infantil e ainda escreveu obras que vão ao encontro de seu ponto de vista, provocando o imaginário, sugerindo novos mundos, estimulando a criatividade do seu público leitor e foi inspiradora para outras autoras de Literatura Infantil.

Nesse sentido, podemos mencionar outras autoras que escreveram obras para o público infantil e fizeram sucesso no mesmo período e posteriormente, entre os anos 60 e 70: Antonieta Dias de Moraes que escreveu obras infantis e teve seu livro *Tônico e o Segredo de Estado* (1974), publicado em vários países e vencedora do Prêmio Nacional da Espanha; Maria Lúcia Amaral, uma educadora e jornalista que escreveu 32 livros e se dedicava ao público infantil no *Jornal do Commercio*; Odette de Barros Mott, uma das precursoras das histórias de aventura na Literatura Infantil brasileira, utilizava-se da literatura para falar das questões sociais e polêmicas para a época e consideradas tabus como “sexualidade e drogas” cativando assim o público juvenil e também as professoras, como afirma Raquel Afonso Silva (2013).

Entre as autoras mais conhecidas da Literatura brasileira, destaca-se Clarice Lispector, a qual teve algumas de suas obras escritas para o público infantil: *O mistério do coelho pensante* (1967), *A mulher que matou os peixes* (1968), *A vida íntima de Laura* (1974), *Quase de verdade* (1999), *Como nasceram as estrelas* (2000). Clarice Lispector apresenta uma escrita inigualável, e para além de seu tempo. Vânia Maria Castelo Barbosa (2008) nos ajuda a compreender como era esse diferencial na escrita dos livros infantis de Clarice Lispector:

A escrita clariceana para criança, além de proporcionar o prazer/fruição, momentos de epifania, resultantes de uma linguagem que inquieta, que desconforta, que desautomatiza porque faz pensar, é também repleta de uma poeticidade que faz imaginar, que permite ao leitor viver o devaneio que “nos dá o mundo dos mundos” (BARBOSA, 2008, p. 41)

Deste modo, podemos dizer que as obras de Clarice Lispector têm relação com o que Cecília Meireles traz no livro *Problemas da Literatura Infantil*, a escrita clariciana para crianças instiga a imaginação.

Não poderíamos deixar de mencionar a *Série Vagalume*, que fomentou a geração de leitores nos anos 70 a 80, principalmente os que gostavam de histórias de mistério e investigação (RIBEIRO, 2016, p. 4). O primeiro livro dessa Série, *A ilha perdida*, foi publicado em 1973, com autoria de Maria José Dupré. Nessa mesma Série, Lúcia Machado de Almeida publicou *O Escaravelho do Diabo* (1974), *Spharion* 1979, *As aventuras de Xisto e Xisto no espaço* (1972), *Xisto e o Pássaro Cósmico*

(1983). Na *Série Vagalume*, muitas autoras mulheres conseguiram publicar suas obras literárias, embora haja mais destaque o nome da série que a autoria de mulheres.

A Literatura Infantil, como vimos inicialmente, foi vinculada à educação e sua principal característica é o público que se destina às crianças. No Brasil, nas décadas de 80 e 90, foram distribuídas em grande parte das escolas e bibliotecas vários livros de Literatura Infantil, que foram utilizados para fins educacionais. A respeito do assunto, Lígia Cadermatori (1994) nos alerta que:

Mesmo sendo inegável o vínculo estabelecido entre literatura infantil e educação, é importante ter clareza de que não cabe ao gênero o papel de subsidiário da educação formal. A natureza literária já o coloca além dos objetivos pedagógicos, assim como dos ideais, costumes e crenças que os adultos queiram transmitir às crianças. (CADERMATORI, 1994, p. 8)

Nesse sentido, a partir do que pudemos analisar até aqui, a maioria das mulheres que escreveram livros de Literatura Infantil desde a chegada da imprensa no Brasil, até os anos de 1970, são autoras que, em sua maioria, seguem um padrão: são professoras e educadoras em escolas ou jornalistas e produzem não somente livros para crianças, mas outras obras de ficção.

Ayodele Floriano Silva (2022) aponta que, até 1975, havia apenas sub-representações de personagens negras, sendo que as primeiras obras com denúncias da discriminação racial surgem por volta dos anos 1980. Mas, ainda assim, as personagens femininas apareciam com sexualidade exacerbada ou com características passivas ou medrosas<sup>11</sup>. O protagonismo de personagens negras de forma positiva se inicia somente no final dos anos 1980 até os anos 2000, mas ainda era percebida a permanência de estereótipos do racismo. Somente após a lei 10.639/2003 é que personagens negros(as) apresentam traços físicos e comportamentais idealizados. (SILVA, 2022, p. 46).

A população negra por muito tempo foi narrada e apresentada a partir do olhar do outro (JOVINO, 2006). Em nossa pesquisa bibliográfica, não conseguimos encontrar autoras negras ou indígenas, apenas apareciam nomes de escritoras brancas. Os nomes que aparecem dessas autorias são com publicações do final dos anos de 1990, como é o caso da autora Geni Guimarães que publica vários livros de

---

<sup>11</sup> Informações referentes ao Quadro 2 – Fases da representação das personagens negras na literatura infantil brasileira de 1920 - 2021, da Dissertação de Ayodele Floriano Silva: PERSONAGENS NEGRAS INFANTIS: retalhos de histórias.



literatura para o público infantil e juvenil nos quais aparecem personagens negros(as) de forma positiva, como é o caso de *A cor da ternura* (1991) e *A dona das folhas* (1995); e autoras com publicações após a lei 10639/2003 como por exemplo, Elaine Marcelina com *As histórias que minha avó contava* (2005), Cássia Vale e Luciana Palmeira com o livro *Calu: uma menina cheia de histórias* (2017) Edileuza Penha de Souza e Ariane Celestino Meireles com o livro *Princesas negras* (2019) entre outras inúmeras mulheres negras que produziram lindas obras de LI. A primeira obra de autoria indígena para o público infantil e juvenil é *Histórias de índio* (1996) de Daniel Munduruku, mas abriu portas para que várias mulheres indígenas publicassem suas obras literárias para o público infantil e juvenil no Brasil, como é o caso da Eliane Potiguara com a publicação de *O Coco que Guardava a Noite* (2004), e autoras com publicações mais recentes como Lia Minapóty com o livro ilustrado *Lua Menina E Menino Onça* (2014).

Podemos afirmar, sem dúvidas, que o silenciamento e o apagamento de mulheres na Literatura e em especial na Literatura Infantil não foi somente relacionado ao gênero, mas também com relação à raça, classe social, sexualidade e outras intersecções.

Diante disso, em nossa seleção de livros, optamos por analisar livros de autoria de mulheres negras, que tivessem um contato próximo com as questões de gênero e raça interseccionadas e que também se preocupassem com a Educação. As autoras selecionadas foram: Kiusam de Oliveira, autora do livro *Com qual penteado eu vou?* (2021), ilustrado por Rodrigo Andrade; Aparecida de Jesus Ferreira, autora do livro *As bonecas negras de Lara* (2017) com ilustrações de Élio Chaves; Fabiana Sasi, autora do livro *O fio da memória* (2021), conta com ilustrações de Sílvia do Canto.

Kiusam de Oliveira é professora, doutora em Educação e escritora de Literatura Infantil, entre suas obras estão: *Omo-Oba: Histórias de Princesas* (2009) selecionado pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola em 2011, *O mundo no black power de Tayó* (2013) que ganhou o prêmio Programa de Ação Cultural - PROAC Cultura Negra (2012) e foi selecionado para compor o acervo básico da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (2014), entre outros livros de Literatura Infantil.

O livro *Com qual penteado eu vou?*, escrito por Kiusam, escolhido para nossa pesquisa foi ilustrado por Rodrigo Andrade, homem negro que afirma que “O espírito do menino das bibliotecas, cheio de imagens na cabeça” está sempre nos projetos que cria. Formado em Artes Gráficas, Rodrigo ilustrou vários livros da autora Kiusam,

como por exemplo, *Black Power de Akin* (2020) e *Pequeno manual de meditação: para crianças que querem se conectar com o mundo* (2022). (KIUSAM, 2021)

Aparecida de Jesus Ferreira é professora, pesquisadora, doutora em Educação de Professores e Linguística aplicada e autora, já publicou mais de 14 livros, entre eles está o livro de Literatura infantil *As bonecas negras de Lara*, também é pesquisadora pioneira da Teoria do Letramento Racial Crítico no contexto brasileiro.

Élio Chaves, o ilustrador de *As bonecas negras de Lara*, o segundo livro escolhido para a realização da pesquisa, é um homem branco que afirma que através do desenho é possível percorrer um universo mágico e contar histórias através da criatividade. Élio é artista plástico autodidata, ilustrador e cenógrafo. (FERREIRA, 2017)

Fabiana Sasi, é especialista em cinema e bacharela em rádio e TV e autora do livro *O fio da memória*, a escritora publicou esse livro em 2021, mas há 20 anos esta história já era contada de forma oral pela autora. Ela não tem relação direta com a Educação como as outras autoras selecionadas.

A ilustradora do livro *O fio da memória*, de Fabiana Sasi, o terceiro livro da nossa pesquisa, é Sílvia do Canto, uma mulher branca, bacharel em Artes visuais, além de ilustrar livros de Literatura Infantil, Sílvia além de ilustração de livros de LI e livros didáticos, atua como educadora e ceramista.

### 1.3 LITERATURA INFANTIL E AS LEIS 10.639/2003 E 11.645/2008

As marcas do racismo estiveram e ainda estão presentes em nossa sociedade, isso é inegável, e não é diferente nas obras literárias, personagens estereotipados, marginalizados e colocados em situações e posições de subalternidade foram frequentes na história da Literatura. Da mesma forma, na Literatura infantil esses problemas também foram e ainda são existentes, é possível perceber essas marcas tanto na escrita, na criação das personagens e nas ilustrações de alguns livros destinados ao público infantil. Ione da Silva Jovino (2017) nos ajuda a entender como houve o apagamento da representação de personagens negras na LI, e mesmo quando apareciam eram de maneira subalternizada:

A literatura voltada para o público infantil e juvenil surgiu no Brasil no final do século XIX e se difundiu no início do século XX, entretanto as personagens negras aparecem com mais evidências ao final da década de 1920 e início de 1930, sempre mostrando suas condições subalternizadas e inferiorizadas. (JOVINO, 2017, p. 4)

Mais invisibilizadas ainda, eram as personagens negras femininas que quase nunca eram representadas na LI e quando estavam presentes, apareciam “na condição de empregada doméstica, diversas vezes retratada com um lenço na cabeça e um avental cobrindo o corpo gordo de cozinheira ou babá” (JOVINO, 2017, p. 4). Essas representações estereotipadas da menina e da mulher negra, perduraram por muito tempo na LI, mesmo com o aumento no número de personagens negras. As primeiras mudanças significativas na construção desses personagens ocorreram somente no fim da década de 1980. Andréia Lisboa de Sousa (2005) nos ajuda a entender como ocorreram, mesmo que a passos lentos essas modificações:

Da década de 80 em diante, encontraremos alguns livros que rompem um pouco com as formas de representação da personagem feminina negra. Primeiro, esses livros mostram a resistência da personagem negra para além do enfrentamento de preconceitos raciais, sociais e de gênero, uma vez que retomam sua representação associada a papéis e funções sociais diversificadas e de prestígio.

Segundo, eles valorizam a mitologia e a religião de matriz afro, rompendo, assim, com o modelo de desqualificação das narrativas oriundas da tradição oral africana e propiciando uma ressignificação da importância da figura da avó e da mãe em suas vidas. Terceiro, soma-se a isso o fato de elas serem personagens femininas negras principais, cujas ilustrações se mostram mais diversificadas e menos estereotipadas. Elas passam a ser representadas com tranças de estilo africano, penteados e trajes variados. (SOUSA, 2005, p. 185).

Talqualmente as personagens negras, autores negros e autoras negras foram silenciados e silenciadas durante muito tempo em toda a história da Literatura. Ao verificarmos quais foram as precursoras de LI, escritoras mulheres, percebemos que grande parte das escritoras de Literatura Infantil eram mulheres brancas de classe média ou alta, professoras ou jornalistas e escreviam obras de ficção para o público infantil e juvenil. Mulheres negras e indígenas, por exemplo, não aparecem como autoras de livros até por volta da década de 1970 e, mesmo quando apareciam, não tinham a mesma visibilidade de mulheres ou homens brancos.

A situação começa a ser mudada a partir de 2003, ano em que foi criada a Lei 10.639/2003 que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), ampliando o ensino de História e Cultura Afro-brasileira em todos os níveis do ensino básico. Os movimentos sociais, como o Movimento Negro por exemplo, tiveram papel importante para a implementação da lei 10.639/2003 e sua efetivação traz também reflexões sobre o reconhecimento das representações sociais, discursos e práticas racistas no ambiente escolar e conseqüentemente em sua extensão. (GOMES e

JESUS, 2013). Em 10 de março de 2008, a Lei 10639/2003 foi alterada pela Lei n.º 11.645/2008, que acrescenta o ensino de História e Cultura Indígena.

Com a implementação dessas Leis visando a obrigatoriedade de um ensino que contemplasse as relações étnico-raciais, muitos professores tentaram implementar as temáticas em suas aulas, mas acabaram utilizando estereótipos na abordagem, como a elaboração de cocares de papel ou pintando os rostos das crianças no Dia dos Povos Indígenas<sup>12</sup> ou utilizando palha de aço para representar, de forma racista, o cabelo crespo no dia da Consciência Negra.

Além disso, surgiram muitos materiais novos que abordavam a temática, inclusive livros de Literatura Infantil. Embora as leis tenham motivado autoras, autores e editoras a produzirem materiais didáticos e livros de Literatura Infantil e infanto-juvenil, voltados para a temática étnico-racial, nesse primeiro momento havia pouca preocupação com a qualidade do que era inserido nos livros. (PESTANA, 2021)

No capítulo seguinte, veremos que a Literatura Infantil iniciou na Europa com a divisão entre o público adulto e o infantil, também com a necessidade de educar as crianças de maneira diferente do que vinha sendo feito e no Brasil não foi diferente, inclusive as obras europeias tiveram grande influência nas obras infantis brasileiras. Podemos refletir então que, quando determinada necessidade ou obrigatoriedade acontece em nossa sociedade, se criam novas maneiras de dialogar com o público infantil.

Após compreender sobre alguns conceitos do Feminismo, Literatura e Literatura Infantil, refletiremos sobre como essas questões se entrelaçam:

Imagine viver em um mundo onde não há dominação, em que mulheres e homens não são parecidos nem mesmo sempre iguais, mas em que a noção de mutualidade é o *ethos* que determina nossa interação. Imagine viver em um mundo onde todos nós podemos ser quem somos, um mundo de paz e possibilidades. Uma revolução feminista sozinha não criará esse mundo; precisamos acabar com o racismo, o elitismo, o imperialismo. Mas ela tornará possível que sejamos pessoas – mulheres e homens – autorrealizadas, capazes de criar uma comunidade amorosa, de viver juntas, realizando nossos sonhos de liberdade e justiça, vivendo a verdade de que somos todas e todos “iguais na criação”. Aproxime-se. (hooks, 2021, p. 18)

---

<sup>12</sup> Criada durante o Estado Novo em 1943, o chamado de “Dia do Índio”, é celebrado em 19 de abril, a data comemorativa teve sua nomenclatura alterada para “Dia dos Povos Indígenas” em 2022. A mudança de nomenclatura foi um projeto da deputada federal Joenia Wapichana, uma mulher indígena. A palavra índio é pejorativa, sugerindo algo “atrasado”, em contrapartida, a palavra indígena quer dizer originário. O projeto de Joenia foi aprovado e sua aprovação deu origem a Lei 14402/2022. (SILVA, 2003). Lei disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2022/lei/L14402.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/lei/L14402.htm)>. Acesso em: 12 fev 2023.

Embora o pensamento de bell hooks (2021) seja utópico e esteja apenas no mundo das ideias, ou quem sabe, no imaginário, no qual tanto se referiu Cecília Meireles (1984) ao tentar definir o que é Literatura Infantil, seria relevante pensar que as crianças também imaginam um mundo assim: cheio de paz e possibilidades, sem guerra ou preconceito, mas não é essa a realidade que vivem.

No tópico anterior, foram citadas várias mulheres autoras de Literatura Infantil, mas poucas eram mulheres negras ou indígenas pois existem pouquíssimos registros do início da Literatura Infantil escrito por mulheres, menos ainda registros de escritoras negras e indígenas. Apesar disso, após a propagação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, muitas autoras e autores negros e indígenas conquistaram a visibilidade de suas obras. Vejamos a seguir algumas delas:

Geni Guimarães é um dos primeiros nomes de escritoras negras que aparecem em nossas pesquisas. Elisa Lucinda ganha visibilidade além da carreira de atriz. Carmem Lúcia Campos com mais de 30 livros infanto-juvenis publicados. Nomes como Madu Costa, Neusa Baptista Pinto também estão ligadas à Literatura infanto-juvenil com temática antirracista e antissexista.

Aproveitamos este espaço para citar, mesmo que brevemente, autoras indígenas que fizeram e fazem diferença na Literatura de modo geral e que escrevem: Dona Liça Pataxó, Dona Vanda Pajé, Eliane Potiguara, Julie Dorrico, entre outras. Afirmamos também que é de extrema relevância que sejam feitas pesquisas biográficas referentes aos autores indígenas, pois ainda há poucas pesquisas na área.

A seguir, apresentaremos o início da Literatura Infantil, especialmente no contexto brasileiro; A relação da narrativa visual e verbal; e a importância da mediação de leitura, principalmente para o público infantil.

## 2. A LITERATURA INFANTIL

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.

(Antonio Candido)

Neste capítulo, trazemos alguns conceitos sobre a Literatura Infantil, seu surgimento e suas mudanças, a relação entre o visual e o verbal e a necessidade da mediação dessa Literatura.

Quando ouvimos a palavra “criança”, logo imaginamos brincadeiras, músicas infantis, diversão, leituras e estudos, mas nem sempre foi assim, pois o conceito, os direitos e deveres das crianças fazem parte de uma concepção relativamente recente. Então, antes de adentrarmos na Literatura Infantil, neste capítulo, partiremos de como, quando e o que motivou a se pensar sobre a infância.

Segundo a pesquisa de Ana Cristina Coll Delgado e Fernanda Müller (2005), os estudos da Sociologia da infância<sup>13</sup> têm um papel importante para a reflexão sobre ações sociais das crianças, ou seja, a partir de tal teoria, compreendemos que as crianças não apenas se adaptam ao convívio em sociedade nos inúmeros sistemas de socialização, mas também se adequam, se reinventam e (re)produzem ações (DELGADO E MÜLLER, p. 1, 2005). Assim, entendemos que as crianças fazem parte da construção social assim como os adultos, mas que os papéis na sociedade contemporânea são diferentes entre adultos e crianças.

A concepção que temos hoje sobre o que é a infância, a criança e seu papel na sociedade é recente, podemos citar o Estatuto da Criança e do Adolescente criado em 1990. Esse Estatuto apresenta um conjunto de normas que reconhecem as crianças como sujeitas de direitos, pessoas com dignidade e em desenvolvimento e que elas possuem direito à liberdade de expressão, arte, educação, etc.

A partir dos estudos de Regina Zilberman (2012), compreendemos que o conceito de infância e conseqüentemente as primeiras obras para as crianças se estabelecem nos séculos XVII e XVIII, antes disso não havia produções para o público infantil, pois não existia a "infância", as crianças eram tratadas como adultos,

---

<sup>13</sup> A sociologia da infância reconhece a criança como ator social e entende que esses atores não estão passivos em seu processo de socialização, pois fazem história e produzem cultura. (LIMA, José; MOREIRA, Tony; LIMA, Márcia. 2014)

participavam de várias atividades dos adultos, como trabalhar, sem nenhuma restrição de idade.

O surgimento da Literatura é marcado em dois momentos, o primeiro enquanto denominado “lendas” e passadas de geração a geração de forma oralizada, portanto não há registros dessas narrativas, e em segundo momento, com a publicação de exemplares físicos. Podemos afirmar que os dois momentos tiveram uma continuidade, visto que os primeiros livros escritos para o público infanto-juvenil tiveram forte influência da literatura oralizada, em sua maioria com foco nas moralidades. Mas antes do reconhecimento das diferenças da infância não havia distinção entre as estórias, como afirma Gregorin Filho:

Percebe-se, dessa maneira, a inexistência da literatura infantil, na forma contemporânea, pois, oral ou escrita, clássica ou popular, a literatura veiculada para adultos e crianças era exatamente a mesma, já que esses universos não eram distinguidos por faixa etária ou etapa de amadurecimento psicológico, mas separados de maneira até drástica em função da classe social. (GREGORIN FILHO, 2009, p. 38-39).

Como vimos, não havia uma definição do que era considerada como Literatura Infantil, pois não existia o próprio termo “infantil”. Na Europa, entre os séculos XVII e XVIII, começava-se a perceber a infância de maneira diferente, com a percepção sobre as limitações e possíveis abordagens com as crianças, distinguindo então do público adulto. A partir dos estudos de Regina Zilberman (1990), podemos afirmar que essa distinção se dá com o surgimento da burguesia e da concepção de família e também do acesso desse grupo à educação (ZILBERMAN, 1990, p. 7).

Com o surgimento, ou melhor, com o delineamento desse novo público, surge também a necessidade de ter novas obras literárias. *Os contos de Mamãe Gansa* de Charles Perrault, publicados entre os anos 1628 a 1703, continha as primeiras versões de histórias infantis que conhecemos, e que se tornaram clássicos, como *A gata borralheira*, *A bela e a fera*, *Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho*, entre muitos outros contos infantis. Assim como o conceito de infância, a Literatura Infantil foi se transformando continuamente, até mesmo as narrativas que citamos anteriormente como a *Cinderela* já teve inúmeras adaptações para o público infantil ao longo dos anos.

A Literatura Infantil no Brasil se inicia com a chegada de João VI, como já visto anteriormente, a coroa traz também as primeiras escolas, cujo acesso era para a população mais abastada e a primeira imprensa, chamada Imprensa Régia, que

possibilitou, inicialmente, a impressão de traduções feitas de obras para o público infantil vindas da Europa, por exemplo. Em seguida, os autores começaram a publicar as primeiras obras de autoria brasileira. (MENDONÇA, 2014)

Da mesma forma que a demanda por esse gênero crescia no país, novos livros eram publicados a fim de utilizar a literatura como ferramenta para educação formal, usada para ensinar língua portuguesa e para difundir informações relevantes às crianças, com o objetivo principal de difundir a ideia moralista da Literatura Infantil, negando toda a importância da Literatura para as crianças. (MENDONÇA, 2014)

Assim entendemos que não somente a Literatura Infantil, mas também a Literatura, geralmente, pode ser utilizada na construção dos currículos, sejam eles escolares ou não, nos desdobramentos e redescobrimentos dos diferentes conceitos e vivências do mundo. E isso atinge e vai muito além do ambiente educacional. Conforme Candido (1989) afirma:

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1989, p. 113)

Embora a Literatura Infantil seja muito além do conceito paradigmático em que foi vinculada inicialmente, ela ainda aparece muito associada a fins pedagógicos, nosso intuito aqui não é delimitar ou afastar a Literatura Infantil da Educação, mas, sim, apresentar as inúmeras possibilidades em que se pode utilizar a Literatura Infantil no processo de ensino-aprendizagem das crianças.

O livro *As bonecas negras de Lara*, por exemplo, traz algumas sugestões de atividades após a leitura da história:

Peça para as crianças que façam uma lista de quais seriam as próximas histórias que elas poderiam contar.  
Peça que as crianças inventem um outro final para a história.  
Faça uma encenação da história com as crianças.  
Peça que as crianças contem histórias de bonecas que elas já escutaram.  
Conte para as crianças as histórias que você já escutou ou presenciou sobre bonecas.  
(FERREIRA, 2017, p. 27)

Percebemos que poderia haver interferências se toda a linguagem da obra fosse didatizada, mas mesmo o livro literário trazendo sugestões de atividades não interfere em nada a narrativa nem sua interpretação, pelo contrário, as atividades colaboram para a autonomia de criação da criança, trabalhando a oralidade e a



imaginação, não somente voltados à alfabetização como eram os primeiros livros literários escritos para o público infantil.

Notadamente, ao longo dos anos, os livros de Literatura Infantil foram se modificando e ganhando novas formas, uma das características em que se observam essas alterações é nas modificações das linguagens utilizadas nesses livros literários, utilizando não somente o texto escrito, mas também ilustrações e, em alguns casos, somente ilustrações. Conforme afirmamos anteriormente, a Literatura Infantil depende do público-alvo, que são as crianças, então as narrativas contidas nos livros serão (co)dependentes dos leitores e de suas habilidades na leitura e interação desses textos.

## 2.1 A RELAÇÃO DA NARRATIVA VISUAL E VERBAL

Conforme as afirmações de Antonio Candido (2011), a Literatura é uma necessidade e um direito de todos e um dos seus objetivos é desenvolver nossa humanidade, considerando a Literatura Infantil em específico, em que seu público está em processo de desenvolvimento e suas fases são marcadas por várias etapas de aprendizagem, mesmo que mediada por um leitor adulto, ela também tem o objetivo de desenvolver a humanidade.

A Literatura é constituída por textos escritos, mas por que a Literatura Infantil possui além da escrita também a narrativa não verbal? Os leitores são crianças, em muitos casos há a mediação do adulto, principalmente nas fases anteriores e iniciais da alfabetização, mas esses livros precisam chamar a atenção do seu público-alvo. Ligia Cademartori (1994) apresenta a ideia de que a Literatura Infantil se caracteriza pelo seu leitor, sua forma de comunicação, seja ela por um texto escrito ou texto imagético que vai possibilitar e atender os interesses das crianças.

Quando o assunto é leitura, normalmente a primeira relação que fazemos é que a leitura deve ser feita somente de um texto escrito, mas a leitura das palavras escritas em um livro literário, por exemplo, é só uma das possibilidades. Podemos fazer a leitura de um filme mudo, no qual há somente a interpretação corporal dos atores e de objetos que compõem a cena, além disso podemos ler uma obra de arte em um museu, uma pintura, escultura ou qualquer intervenção, apesar de não refletirmos sobre essas leituras que fazemos espontaneamente, esse também é um ato de ler.

Podemos afirmar que a criança também tem essa espontaneidade em ler as imagens de um livro infantil, em níveis diferentes, é claro. Regina Yolanda Werneck (1986) garante que o interesse das crianças por um livro literário está atrelado a vários aspectos, como: a quantidade de páginas, as ilustrações, o formato e a estrutura dos textos e inclusive as técnicas utilizadas pelo ilustrador e pelo responsável pela impressão gráfica, uma vez que as imagens fazem diferença na leitura das crianças que, como a autora explica, é feita através das suas experiências de mundo. (WERNECK, 1986, p. 150).

Muitas vezes, as ilustrações é que vão atrair e conquistar os novos leitores que ainda não conseguem ler as narrativas escritas sozinhos, mas que já reconhecem algumas das imagens e ilustrações, pois “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p. 11). Embora a leitura de mundo e o que a pesquisadora Maria Castilho Costa (2009) chama de “alfabetização visual” seja algo que se inicia na infância, junto dos pais e tutores, ela pode e deve ser estudada e ampliada na escola durante o ensino básico, pois ler imagens também faz parte do processo de alfabetização.

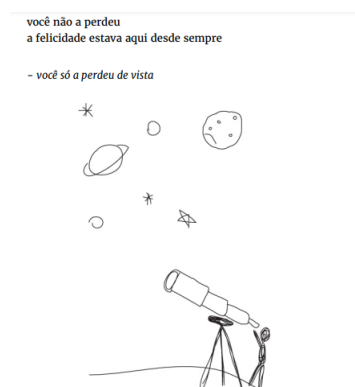
Outro ponto significativo sobre a importância das ilustrações para a leitura das crianças

[...] é que se esse livro possui uma importância tão grande na vida da criança e seu impacto pode até mesmo modificar a forma como ela vê o mundo, levando-se em conta que possibilita ao leitor “ler-se” nos livros, ou seja, encontrar no livro a compreensão do significado de sua própria vida [...] (HERBERT MASSONI, 2018, p. 122)

Podemos dividir a ilustração nos livros em algumas categorias:

- O livro com ilustração que possui imagem e escrita, mas a interpretação provém primeiramente do texto escrito e a ilustração fica em segundo plano, como é o caso da obra de Rupi Kaur, *Meu corpo minha casa* (2020):

Figura 1 - Livro com ilustração: Meu corpo minha casa



Fonte: KAUR, Rupi. (2020, p. 50)

- O livro imagem que não possui texto escrito e é constituído apenas de fotografias ou ilustrações como é o caso do livro *Abrigo* (2017) de autoria de Melissa Garabeli e Phellip Willian<sup>14</sup>;

Figura 2 - Livro imagem: *Abrigo*



Fonte: GARABELI, Melissa; WILLIAN, Phellip. (2017, p. 8)

- O livro ilustrado, cuja narrativa imagética também pode ser interpretada, podendo ter uma própria interpretação ou estar totalmente associada ao texto escrito, como é o caso dos três livros que nos propomos analisar nesta dissertação.

Então, podemos afirmar que uma obra literária ilustrada pode possuir duas narrativas: uma escrita, que chamamos de Literatura e a narrativa visual, na qual a criança também pode interagir, interpretar e imaginar outras possibilidades.

## 2.2 MEDIAÇÃO DE LEITURA

A Literatura infantil precisa ser mediada, pois as crianças estão ainda na fase anterior à alfabetização ou no início do processo de alfabetização. A mediação pode ser feita pelos pais ou responsáveis da criança já no ambiente familiar, como também por professores e tutores, para Bicheri (2008, p. 100) o mediador: “pode ser um professor, um padre, um pastor, um escritor, um jornalista, um apresentador de televisão ou rádio, um bibliotecário, um crítico de cinema, entre outros”. Para Santos

---

<sup>14</sup> Melissa Garabeli e Phellip Willian são autores pontagrossenses e já publicaram vários livros de Literatura Infantil e também HQs, Além de *Abrigo* (2017), publicaram o livro *Saudade* (2018) o qual ganhou o troféu Ângelo Agostini, o troféu HQmix e foi finalista do Prêmio Jabuti de literatura na categoria História em quadrinhos.

Neto e Almeida Junior (2014), a mediação vai além da leitura, ela ocorre quando há interferência, pois o mediador não é apenas um leitor, mas um facilitador de compreensão e interpretação. Levando em consideração o exposto, podemos entender que o mediador é um facilitador que dará suporte para a leitura e interpretação de determinada obra literária ou outro gênero de texto escrito ou oral.

É a partir da mediação de leitura que a criança vai ter acesso a novas linguagens, novas palavras, ideias, criação de laços e visões de mundo diferentes das quais convive diariamente. Sobre o assunto, Maria Alice Mendes de Oliveira Armelin e Maria Cecília Felix de Godoy (2011) nos ajudam a entender como funciona o papel do mediador no processo de formação de leitores antes mesmo de serem alfabetizados:

O processo de formação do leitor é longo e ocorre pela mediação de leitores mais experientes e pela interação com diferentes suportes e gêneros discursivos. Muito antes de ser capaz de compreender o funcionamento do sistema alfabético, o sujeito imerso numa sociedade letrada busca entender o que significam os escritos presentes no mundo em que vive e pode entrar no mundo da escrita pela mão, pelo olhar e pela voz de outras pessoas. (ARMELIN e GODOY, 2011, p. 27)

A mediação de leitura literária não é restrita apenas à infância, mas pode ser feita em qualquer etapa escolar, em qualquer faixa etária e em diferentes níveis de aprendizagem e recepção da obra literária. Não podemos negar que na infância, principalmente nos anos que antecedem a completa alfabetização, ela é imprescindível.

A mediação é iniciada já no processo de escolha do livro, o que é um dos passos de maior relevância de sua atuação, pois um bom livro pode cativar e enriquecer a vida do leitor mirim. Escolher bons livros, sem estereótipos de personagens, sem preconceitos e, em hipótese de que o livro escolhido traga esse tipo de divergência, cabe ao responsável pela mediação guiar a criança a uma explicação para que haja a construção de sentidos e não sejam fomentados mais preconceitos. Ao longo deste trabalho, serão apresentados obras e autores que escrevem obras literárias que não promovem o preconceito, pelo contrário, buscam retratar diversas culturas e identidades de forma positiva, com textos voltados à criança e não somente com personagens infantis e com imagens cativantes no qual o leitor pode se identificar e/ou se encantar.

O Brasil é um país com problemas gravíssimos para alfabetizar crianças, o que se agravou com a pandemia. A responsabilidade de mediar o processo de leitura antes

no processo de alfabetização é de todas as pessoas que acompanham o crescimento da criança, para que o impacto disso seja positivo não somente nos processos de alfabetização, mas também na leitura de mundo e perspectiva antirracista melhorando a situação de todo o país.

O custo dos livros não é mais um problema, contamos com: bibliotecas públicas, desfrutamos de projetos como o “Pegaí Leitura Grátis”<sup>15</sup>, iniciativas como do projeto “Leia com uma criança”<sup>16</sup>, autores que disponibilizam seus livros de forma gratuita na internet, como é o caso da autora Fabiana Sasi, entre tantos outros projetos, instituições, plataformas digitais e autores, que facilitam o acesso a livros físicos ou para leitura online.

A seguir, apresentamos a análise dos livros de Literatura Infantil que abordam as questões étnico-raciais e que trazem também possibilidades de percepção para se trabalhar com os assuntos relacionados a gênero. Os livros selecionados são: *Com qual penteado eu vou* (2021) de Kiusam de Oliveira, *As bonecas negras de Lara* (2017) de Aparecida de Jesus Ferreira e *O fio da memória* (2021) de Fabiana Sasi.

---

<sup>15</sup>Com a missão de facilitar o acesso de livros físicos de forma gratuita, o projeto sem fins lucrativos Pegaí Leitura Grátis foi criado em 2013 na cidade de Ponta Grossa, atualmente 16 cidades têm acesso às estantes . Disponível em: <<https://www.pegai.info/>> Acesso em 06 jun 2023

<sup>16</sup> Também com o propósito de facilitar o acesso a livros de forma gratuita, o Banco Itaú disponibiliza em uma plataforma digital, livros de Literatura Infantil, também é possível ter acesso a livros digitais e a guias para mediação de leitura literária. Disponível em: <<https://www.euleioparaumacrianca.com.br/>> Acesso em 06 jun 2023.

### 3. ANÁLISE DOS LIVROS

A escrevivência serve também para as pessoas pensarem.

(Conceição Evaristo)

Neste capítulo, focamos na análise do texto escrito e ilustrações dos livros selecionados. Está dividido em quatro tópicos, na seguinte ordem: *Com qual penteado eu vou?* (2021), *As bonecas negras de Lara* (2017) e *O fio da memória* (2021) e, no último tópico, apontamos as singularidades e pluralidades de cada livro analisado.

Desde seu surgimento, a Literatura Infantil foi escrita a partir de valores e moralidades, com as quais a sociedade compartilhava. Consequentemente, essa Literatura foi e, com certa frequência, ainda é pesquisada em diversas áreas do saber com a mesma percepção de que a Literatura Infantil e Juvenil é “veículo de ideias ou padrões de comportamento”, ou seja, nem sempre é compreendida como um “fenômeno literário” (COELHO, 1991, p. 55).

Para analisar livros de Literatura em geral, consideramos conceitos da Teoria Literária, da Crítica Literária, a Crítica Feminista, entre outros mecanismos e teorias, mas apesar de existirem várias pesquisas sobre a Literatura infanto-juvenil, por muito tempo houve uma certa fragilidade no quesito de análise literária, como afirma Nelly Novaes Coelho (1991, p. 55), ao analisar que grande parte das pesquisas feitas sobre Literatura Infantil e Juvenil até meados dos anos 1990, raramente vinham da área de Letras.

Como afirmamos anteriormente, as obras literárias são analisadas a partir de diversas teorias. Na análise de Literatura Infantil não é diferente. Portanto, a seguir, utilizaremos a Crítica Literária Feminista, para analisar principalmente as protagonistas das obras as quais nos propomos no início deste trabalho, que são respectivamente: *Com qual penteado eu vou?* de Kiusam de Oliveira (2021), *As bonecas negras de Lara* de Aparecida de Jesus Ferreira (2017) e *O fio da memória* de Fabiana Sasi (2021).

Nelly Novaes (1991) nos traz alguns pontos para analisar com profundidade uma obra infantil, e são eles:

- a. *O que a obra transmite? qual seu enredo, assunto, trama, efabulação?*

- b. *Como* isso é expresso em *escritura literária*? quais os recursos de linguagem, de estilo ou de estrutura escolhidos pelo autor[a]? Qual a intenção que predominou nessa escolha: a estética ou a ética?
- c. Qual a *consciência de mundo* (ou sistema de valores) ali presente ou latente? Há ou não coerência orgânica na construção da obra? Entre estilo, recursos expressivos, problemática e consciência de mundo?
- d. Qual a intencionalidade do[a] autor[a] que pode ser percebida na obra? qual seria a sua finalidade em relação ao leitor? Divertir, instruir, educar, emocionar, conscientizar...? (COELHO, 1991, p. 60, grifos da autora, colchetes nossos)

Não é nosso foco fazer esse tipo de análise, mas ao ver essa lista, refletimos que todo livro literário, independente do seu público alvo (criança, jovem ou adulto), possui uma determinada *intencionalidade*, mas nem sempre a intenção é a reprodução de um valor ou de uma moral.

### 3.1 COM QUAL PENTEADO EU VOU?

A obra *Com qual penteado eu vou?* (2021) é um livro de Literatura Infantil publicado em 2021, escrito por Kiusam de Oliveira e ilustrado por Rodrigo Andrade, narrado por uma narradora-personagem. Nesse livro, Aisha conta a história do dia do aniversário de 100 anos de seu bisavô, Seu Benedito. A menina descreve vários detalhes de como será a festa, trazendo na sua narrativa a cultura da sua família, as identidades de cada membro familiar, todo o cuidado e afeto que eles têm entre si e principalmente como cada integrante da família irá festejar a vida do avô.

As ilustrações do livro *Com qual penteado eu vou?* foram feitas pelo ilustrador Rodrigo Andrade, formado em Artes Gráficas, que afirma ter uma “paixão por bibliotecas e livros” (OLIVEIRA, 2021, p. 48). É válido refletirmos sobre as origens também dos ilustradores, uma vez que, é “tão relevante ou mais que a explicação da origem autoral é o lugar a partir do qual o autor expressa sua visão de mundo” (DUARTE, 2008, p. 6). Neste caso, as personagens são ilustradas por um homem negro que já tem uma trajetória no mundo literário, além de, desde criança gostar de obras literárias, e ter ilustrado outros livros de LI.

Na capa do livro está Aisha, a protagonista e narradora da obra:

Figura 3 - Capa do livro *Com qual penteado eu vou?*

Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. (2021 a)

A personagem aparece com cabelos soltos e com uma blusa azul. A cor azul por muito tempo foi considerada “cor de menino”, percebemos que esse discurso referente ao que meninos e meninas podem usar ainda está presente no discurso de algumas pessoas<sup>17</sup>, mas nem sempre foi assim: a pesquisadora Marinês Ribeiro dos Santos, comenta que a cor rosa já foi, por muito tempo, utilizada para representar a masculinidade, pois era derivada da cor vermelha que significava poder, sua utilização era possível somente para a classe alta. A cor azul para os meninos e rosa para meninas só foi consolidada depois de 1950. (SANTOS, 2019)

É possível refletirmos que, da mesma forma que algumas pessoas fazem a distinção na qual meninos devem usar azul e meninas usar rosa, existem outras divisões de gênero e imposições sobre aquilo que os meninos podem fazer e que meninas não podem e vice e versa. Juliana Spinelli Ferrari (2016, p. 1) afirma que essa divisão binária do que é ‘coisas de menino’ e ‘coisas de menina’ faz parte de uma

<sup>17</sup> Como por exemplo, a ex Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, que em 02 de janeiro de 2019, dia que assume a pasta da Mulher, Família e Direitos Humanos aqui no Brasil, gravou um vídeo#, afirmando que seria uma “nova era” no Brasil, no qual “Menino veste azul e menina veste rosa”. EM VÍDEO, Damares diz que “nova era” começou: “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>> Acesso em: 10 maio 2023.



questão histórica, não é uma invenção de determinado pai ou mãe. Em vista disso, desconstruir essa problemática e compreendê-la não é uma tarefa fácil.

No tocante à narrativa, essa tem um enredo linear e ocorre exatamente no dia do aniversário de Seu Benedito, que é bisavô de Aisha. O espaço em que acontecerá a festa é no quintal da casa:

Figura 4 - Seu Benedito



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. (2021, p. 8)

Figura 5 - O quintal da casa



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. (2021, p. 9)

Embora o bisavô não seja o protagonista, a narrativa gira em torno desta personagem, tornando-o importante. O texto escrito não dá as características do

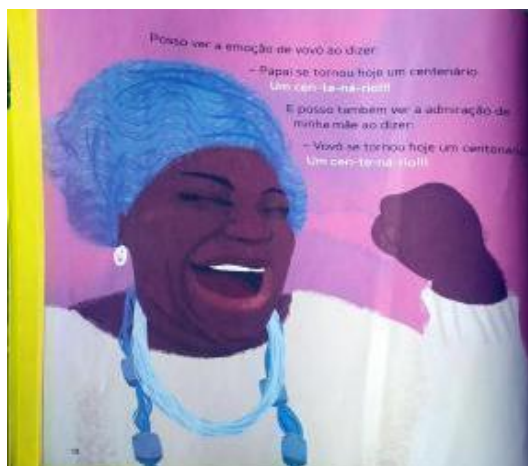
bisavô, apenas informa que será seu aniversário de cem anos. Apesar de não aparecerem no texto escrito, a ilustração apresenta um senhor negro, com linhas de expressão em seu rosto, barba, bigodes e sobrancelhas brancas, que estão desalinhadas o que pode sugerir uma desconfiança com algo, talvez já estivesse desconfiado de que os netos estavam preparando uma festa e que ganharia presentes. Também há detalhes notáveis como o brilho no olhar, que denotaria a alegria em estar comemorando o centenário.

Algo que nos despertou curiosidade ao analisarmos a imagem do bisavô é sobre a presença da calvície que, embora seja algo natural em homens, principalmente homens idosos, é menos predominante em homens negros, orientais e afro-americanos (CRISOSTOMO; PORTILHO; PAIVA, 2022).

O ambiente em que ocorre a narrativa é o quintal da casa, no qual encontram-se algumas árvores e há também borboletas amarelas, brancas e cor-de-rosa voando, ele foi adornado com bandeirinhas, é um cenário que se implementa para ser uma festa.

Desde o início da narrativa, a obra transmite a alegria de celebrar a vida de Seu Benedito, de como todos estão emocionados com a passagem do aniversário centenário. A seguinte imagem é a da avó de Aisha e a de sua mãe, parecem estar emocionadas, pois Seu Benedito se tornou um centenário.

Figura 6 - Avó



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. (2021, p. 10)

Figura 7 - mãe



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. (2021, p. 11)

As figuras acima representam as duas mulheres importantes na vida da protagonista, na figura 6, em que a avó aparece, conseguimos identificar que ela é uma mulher negra, com turbante, colares e há a predominância da cor azul em seus acessórios, já a mãe mostra seus cabelos crespos e utiliza roupas e acessório na cor rosa.

Independentemente da idade ou gênero, as cores azul e rosa são predominantes nas ilustrações, o que pode ser uma escolha conjunta entre autora e ilustrador, ou pode estar somente ligada a chamar a atenção das crianças para a narrativa. Como vimos anteriormente, a divisão entre rosa e azul para meninos e meninas mudou ao longo dos anos e foi uma questão cultural de dominação europeia e posteriormente norte-americana.

Nas figuras 6 e 7, as duas mulheres aparecem com expressões de empolgação e entusiasmo, a avó com punho levantado, a mãe com os dois punhos cerrados e ambas com o largo sorriso a boca aberta, os dentes à mostra, a mãe tem cabelos cacheados e está com ele solto e bastante volumoso. A ilustração aliada ao enredo sugere que elas estão admiradas, felizes e vibram com a comemoração do centenário do vovô de Aisha.

O clímax ocorre quando Aisha está em dúvida de qual penteado usará no aniversário, surgiu a ideia de ligar para seus primos a fim de “saber com quais penteados pretendiam vir à festa”, mas seus primos a deixam confusa então ela resolveu: “não perguntar mais nada: fui até a minha mãe e pedi para que ela fizesse

em mim um penteado capaz de deixar meu bisavô muito feliz” (OLIVEIRA, 2021, p. 12).

Figura 8 - Aisha e sua mãe penteando seus cabelos



Fonte: OLIVEIRA, Kiussam de. (2021, p. 13)

Na ilustração, a mãe demonstra um sorriso de satisfação ao pentear os cabelos da menina. Em contrapartida, a menina apresenta um semblante sério, que pode ser lido como a apreensão de estar prestes a ter um novo penteado e atenta aos movimentos da mãe nos cabelos dela.

A descrição das personagens é feita em primeira pessoa, há uma pequena pausa na narração feita por Aisha, a menina se intitula criança ao comentar que seus primos e ela são: “Como **somos crianças**, não temos dinheiro para comprar presentes ao bisavô, assim, combinamos que **cada um ofertaria a ele uma virtude**: a mais poderosa que cada uma e cada um de nós tem” (OLIVEIRA, 2021, p. 14, grifo nosso). Ao abordar sobre “não ter dinheiro para presentes” e como solução presentear o bisavô com “virtudes” é construída uma consciência de mundo, na qual a personagem, mesmo sendo criança, já possui.

Em seguida, são apresentados os primos de Aisha. O que chama atenção é que cada um tem um nome de origem africana com um significado, que é disponibilizado em seguida. Além disso, cada virtude é trazida pelos personagens em forma de poema curto:

Eu sou MONIFA (Significa: “Eu tenho sorte” em lorubá. Origem: Nigéria)  
 Colho flores e seus perfumes  
 Trago como presente ao bisavô  
 Generosidade e proteção como virtudes

(OLIVEIRA, 2021, p. 16)

Figura 9 - MONIFA



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. (2021, p. 17)

Monifa é uma menina negra, que tem cabelo crespo e seu penteado consiste na divisão do cabelo em dois coques presos em cada lateral da cabeça, em um dos lados têm um adereço de flor, sua expressão é mais séria se comparada ao das outras personagens. A flor não está apenas disposta em seu cabelo, mas também em seu discurso para o presente do avô.

Eu sou OLUJIMI (Significa: “Dado por Deus” em Iorubá. Origem: Nigéria)  
E me ocupo o tempo todo  
Trago ao bisá determinação como virtude  
Todo o meu foco, pois não gosto de rolo.  
(OLIVEIRA, 2021, p. 18)

Figura 10 - OLUJIMI



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. (2021, p. 19)

Olujimi é um menino negro, com pele retinta, cabelos crespos, seu penteado tem dois pequenos riscos em zigue-zague na lateral esquerda, o garoto aparece sorrindo na ilustração, seus dentes brancos ficam a mostra e seus olhos estão semicerrados, o que indica um sorriso genuíno. Em seu poema, utiliza uma linguagem coloquial ao dizer que “não gosta de rolo”.

Eu sou AMARA (Significa: “Misericórdia” em Igbo. Origem: Nigéria)  
 Dizem que sou uma pessoa dedicada  
 Meu bisa merece virtude rara  
 Ao começar alguma coisa, só paro quando finalizada.  
 (OLIVEIRA, 2021, p. 20)

Figura 11 - AMARA



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. (2021, p. 21)

Amara também é uma menina negra, de pele retinta, tem o rosto arredondado e seus lábios são cor-de-rosa. Seu penteado consiste em um cabelo trançado e um coque lateral, no qual há inúmeros adereços em formato de flor. A menina, diferente da personagem anterior, não está sorrindo e foi ilustrada com uma expressão neutra.

A próxima personagem é Kwame, um menino negro, com cabelos soltos valorizando o volume. O garoto foi ilustrado com um sorriso tímido. Em seu poema para o avô, traz “virtudes embrulhadas no amarelo celofane”, a cor amarela está bastante presente nas ilustrações, na apresentação o menino diz:

Eu sou KWAME (Significa: “Nascido no sábado” em Akan. Origem: Gana)  
 Capaz de iluminar a noite mais escura  
 Ao bisa, virtudes embrulhadas no amarelo celofane  
 Sensibilidade e generosidade, com muita candura.  
 (OLIVEIRA, 2021, p. 22)

Figura 12 - KWAME



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. (2021, p. 23)

Eu sou AYANA (Significa: “Linda flor” em Amárica. Origem: Etiópia)  
 Minha virtude é a determinação  
 Quando quero algo, não desisto  
 Ao meu bisa, toda a minha emoção.  
 (OLIVEIRA, 2021, p. 24)

Figura 13 - AYANA



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. (2021, p. 25)

Ayana é uma menina negra, de pele retinta e seu cabelo está trançado nas laterais e tem pequenos cachos que dão volume ao penteado, a sua representação é ilustrada na lateral e não frontalmente como as outras personagens.

A próxima personagem apresentada é Adofo, um menino negro que na ilustração foi representado como um garoto albino, na história narrada por Aisha não há referência sobre essa diversidade apresentada na ilustração. Esse fato é de grande relevância na literatura, pois nos chama atenção por dois motivos: por Adofo ser



diferente das demais crianças, isso aponta o foco para a diversidade, e também porque personagens albinas não são frequentemente representadas em livros de LI.

Sobre a invisibilização de pessoas albinas, Melo colabora:

No Brasil, os albinos vivem uma espécie de invisibilidade (entende-se que este termo é utilizado quando se refere aos indivíduos socialmente invisíveis, seja pela diferença, exclusão, estigma, preconceito, aqueles que vivem à margem da sociedade). Oficialmente não existem dados estatísticos sobre esta população. Os poucos dados existentes, vêm do campo da medicina, restringindo o conhecimento e/ou debate entre os dermatologistas, acentuando os aspectos nosológicos da questão. Nas universidades também não se tem encontrado grandes estudos, exceto alguns artigos no estado da Bahia e no Maranhão, justamente os locais nos quais encontramos o maior número de albinos no Brasil (MELO, 2017, p. 35).

Essa invisibilidade também ocorre na Literatura Infantil, pois poucos personagens albinos aparecem em livros literários, principalmente voltados para as crianças, por isso faz-se importante que haja não apenas a presença desses personagens, mas que seja de forma positiva como é o caso de Adofo que na narrativa diz:

Eu sou ADOFO (Significa: “Quem ama” em Akan. Origem: Gana)  
Carrego como virtude amorosidade  
Empatia, meu bisa também merece  
Assim como diplomacia e lealdade.  
(OLIVEIRA, 2021, p. 26)

Figura 14 - ADOFO



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. (2021, p. 27)

A imagem ilustrativa do menino apresenta a pele extremamente clara, cabelos crespos e seu penteado consiste em seu cabelo solto com volume. O menino utiliza óculos de grau, a baixa visão também é uma das características de pessoas albinas por decorrência da falta de melanina nos olhos. O ilustrador, Rodrigo Andrade, teve a delicadeza e certa intencionalidade de colocar na narrativa esses detalhes.



A próxima personagem a se apresentar é Zuri, uma menina negra, sua pele é clara, para comemorar o aniversário do bisavô fez um penteado dividindo seu cabelo em cinco pequenos coques, também colocou alguns adereços na cor dourada. A menina aparece sorrindo na ilustração.

Eu sou ZURI (Significa: “Linda, bonita” em Sualí. Origem: África Oriental)  
 A humanidade toda me interessa  
 Ao meu bisa, minha criatividade  
 Virtude potente que num gesto se expressa.  
 (OLIVEIRA, 2021, p. 28)

Figura 15 - ZURI



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. (2021, p. 29)

Em seguida, a personagem que se apresenta é Jafari, um menino negro de pele retinta, seu penteado consiste em um cabelo descolorido e com dois risquinhos na lateral direita, o menino usa como adereço uma correntinha no pescoço, também aparece sorrindo e, em seu poema, diz que está disposto para ajudar o bisavô no que ele precisar:

Eu sou JAFARI (Significa: “Digno” em Sualí. Origem: África Oriental)  
 Flexível, me adapto em qualquer lugar  
 Virtude poderosa quando tudo se muda  
 Ao meu bisa, estou pronto para tudo que ele precisar.  
 (OLIVEIRA, 2021, p. 30)

Figura 16 - JAFARI



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. (2021, p. 31)

A próxima personagem a se apresentar é Chaniya, uma menina negra, com pele retinta, que para comemorar o aniversário do bisavô fez um penteado com *dreads*, com as pontas azuis. A menina também está sorrindo na ilustração. Em seu poema diz:

Eu sou CHANIYA (Significa: “Menina rica” em Sualí. Origem: África Oriental)  
 Bom humor é a minha pegada  
 Pelo meu bisa corro da Mauritânia à Patagônia  
 Como virtude, estou sempre empolgada.  
 (OLIVEIRA, 2021, p. 32)

Figura 17 - CHANIYA



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. (2021, p. 33)

Eu sou OLAMILEKAN (Significa: “A minha riqueza aumentará” em Iorubá.  
 Origem: Nigéria)

Como virtude, a espontaneidade  
Ao meu bisa, como presente  
Trago, também, a minha sinceridade.  
(OLIVEIRA, 2021, p. 34)

Olamilekan é o próximo a se apresentar, na Figura 18 vemos em sua ilustração um menino negro, sorrindo, também utiliza *dreads*, mas seu penteado consiste em um rabo no alto da cabeça. Há um ícone no formato de uma coroa em sua roupa.

Figura 18 - OLAMILEKAN



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. (2021, p. 35)

Outra personagem que aparece no livro é Abidemi (Figura 19), uma menina representada na ilustração com vitiligo, outra forma de diversidade que o ilustrador intencionou trazer para a sua arte, uma vez que o texto não traz qualquer referência a esta doença cutânea. Os pesquisadores Alice Oliveira e Roberto Nascimento de Albuquerque (2021) afirmam que “O vitiligo é uma doença cutânea crônica caracterizada por despigmentação da pele e que acomete muitas mulheres” (2021, p. 253). Crianças com vitiligo também aparecem pouco nas obras de LI. Tatiane Santos de Oliveira (2021), designer gráfica e autora do livro *A Menina Feita de Nuvens*, em que a protagonista é uma heroína que tem vitiligo, explica que “A maioria das pessoas desconhecem essa doença, ainda existe muito preconceito, algumas pessoas acham que é contagioso”, dessa forma acreditamos que a presença de uma personagem como Abidemi, que tem como “virtude a elegância” (OLIVEIRA, 2021, p. 36) traz não apenas visibilidade, mas também respeito às crianças e demais pessoas que têm a doença.

Eu sou ABIDEMI (Significa: “Nascida na ausência do pai” em Iorubá. Origem: Nigéria)  
 Minha virtude, a elegância  
 Ao meu biso, dedico o melhor de mim  
 Lealdade e perseverança.  
 (OLIVEIRA, 2021, p. 36)

Figura 19 - ABIDEMI



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. (2021, p. 37)

A última personagem a se apresentar é Aisha, a protagonista e narradora do livro. Em seu poema ela diz:

Eu sou AISHA (Significa: “Ela é vida” em Sualí. Origem: África Oriental)  
 Minha virtude é sùúrú, paciência  
 Aprendo com Ifá que sabedoria espicha  
 Não só a vida, mas também a consciência  
 (OLIVEIRA, 2021, p. 38)

Há em seu poema algumas palavras de origem africana, “sùúrú” que é traduzido como “paciência”, a outra palavra utilizada por ela é Ifá, que na cultura Iorubá é um porta-voz de alguns orixás. Na figura 20, podemos observar que Aisha é uma menina negra, de pele retinta, que também foi desenhada sorrindo. O penteado de Aisha chama atenção, pois é o responsável por dar nome ao livro, seu cabelo crespo está semi-presos e ela utiliza como adorno em sua cabeça um turbante na cor lilás:

Figura 20 - AISHA



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. (2021, p. 39)

Os desenhos que ilustram o livro, vão ao encontro do texto escrito, trazendo personagens diversificados, construídas de maneira positiva, principalmente nas ilustrações dos penteados, com uma riqueza em detalhes, tornando cada cabelo único e possibilitando uma leitura imagética de fácil compreensão. Embora as diferenças nas características físicas das personagens, como por exemplo, a criança albina ou com vitiligo, a diferença entre tonalidades de pele, os adereços de cabelo, uso de óculos, etc sejam visivelmente significativas nas ilustrações, o texto narrativo escrito não aponta essas diferenças.

Em seguida, Aisha explica o que aconteceu no aniversário do avô:

Quando todas as minhas primas e primos entraram, nos juntamos e olhamos umas para as outras, uns para os outros e a emoção transbordou de nossos olhos por estarmos, mais uma vez, juntos.

Delicadamente, nossas mãos foram se unindo uma nas outras e, como os elos de uma corrente, nos juntamos.

- Mamãeeee! - gritei. - Agora entendi o que a senhora fala sobre:

**SORORIDADE**

- Sororidade? - perguntaram em coro às crianças.

- Sim - respondi. - Sororidade é quando nós meninas, temos certeza de que juntas somos mais fortes, mais belas, mais inteligentes, mais poderosas.

**Sem brigas, sem competições.** (OLIVEIRA, 2021, p. 40 grifo do autor)

Principalmente nesse trecho a narração apresenta uma linguagem que não é utilizada frequentemente por crianças pequenas. Até é perceptível notar que as outras crianças não conheciam a palavra “sororidade” ao perguntar em coro. Em seu discurso, ela utiliza todas as palavras no feminino, mesmo estando com os primos, ela

também afirma que as meninas, juntas, são mais fortes e poderosas e que entre elas não haveria brigas ou competições.

Para ilustrar a união entre as personagens, Rodrigo Andrade desenha todas as mãos das personagens em um círculo:

Figura 21 - União entre os primos



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. (2021, p. 41)

O texto não aponta a idade da protagonista, mas é possível perceber através do vocabulário utilizado que não se trata de uma criança pequena. Essa é uma diferença que há entre escrita e imagem, pois nas ilustrações, Aisha parece ser uma criança pequena.

No decorrer da narrativa, a prima Chanya propõe: “Pessoal, vamos ver o bisa, estou com saudade dele. Proponho que chegamos assim, de mãos dadas, pois sei que ele ficará feliz. O que acham?”. Todos aceitaram a proposta da menina, ao entrarem perceberam que o bisavô estava cheio de lágrimas nos olhos. (OLIVEIRA, 2021, p. 42). O bisavô com lágrimas nos olhos também aparece na ilustração:

Figura 22 - Bisavô e avó



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. (2021, p. 43)

Apesar de não aparecer na escrita do texto, somente a imagem ilustra a avó abraçada com seu pai, bisavô de Aisha e ambos estão emocionados com lágrimas nos olhos. Na Figura 22, há a representatividade de personagens negros, um homem e uma mulher, ambos idosos. Algo que nos chama a atenção é o fato da combinação de cores entre as duas personagens idosas, as cores azul, branco e marrom são predominantes na ilustração. Aisha também está utilizando a mesma tonalidade de azul.

Ao ver os netos, o bisavô diz: “Minhas bisnetas, meus bisnetos. Venham cá tirar um retrato para que guardem de lembrança quando este velho aqui partir” (p.42). A linguagem utilizada pelo bisavô denota que se trata de uma pessoa idosa, percebemos na utilização da palavra “retrato” para sugerir que as crianças tirassem uma fotografia. Também, apesar de ser um momento de alegria, ele toca no tema da morte, que para muitas pessoas é considerado triste.



Figura 23 - Composição familiar Aisha



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. (2021, p. 44-45)

É válido mostrarmos também, a diversidade na construção das personagens, que suas características nem sempre aparecem no texto escrito, mas que são desenvolvidas no texto imagético, pelo qual as crianças leitoras podem (re)conhecer e/ou se identificar, como por exemplo a figura 23.

A presença de imagens atrativas e positivas são essenciais na LI, pois concordamos com Ciça Fittipaldi quando diz que:

[...] as imagens visuais detêm uma enorme capacidade de abrir espaços no imaginário, de criar experiências sensíveis, formais, afetivas e intelectuais que alimentam o imaginário. De modo diferente do verbal, a imagem possui sua própria sintaxe e semântica, desdobra-se em planos de forma, conteúdo e expressão (FITTIPALDI, 2008, p. 107).

Ainda refletindo sobre as pesquisas de Fittipaldi (2008), compreendemos que a ilustração dos livros infantis não se sobrepõe ao texto escrito, mas dá mais prazer à leitura, que no caso das crianças bem pequenas é mediada, mas que possibilita uma amplificação da imaginação do leitor mirim e também uma aproximação e o interesse pelo livro literário.

Outro aspecto que vamos analisar em algumas das imagens selecionadas dos livros, principalmente quando se trata das personagens protagonistas é a questão das cores utilizadas nas ilustrações, pois as cores também transmitem mensagens e transmitem informações e sensações, como afirma Ana Raquel Rodrigues (2019) quando diz que “O uso das cores tem como objetivo a passagem de uma mensagem, o segmento da sociedade e da própria cultura, transmitir informações ou sensações, entre muitos outros, mas sendo o principal a comunicação e a autoexpressão (RODRIGUES, 2019, p. 79) ou seja, um livro que apresenta um texto imagético também será lido e interpretado a partir das cores que são utilizadas.



A cor, mesmo possuindo significado, pode sofrer alterações, visto que, sua interpretação depende também das situações literais em que o leitor vivenciou, em outras palavras, da sua cultura, também do período histórico e de outras variantes, como a tonalidade e a luminosidade (RODRIGUES, 2019).

A cor da pele de cada uma das personagens também apresenta variações. É bem perceptível na Figura 21 em que todos os primos e primas dão as mãos uns para os outros e na Figura 23, em que a família está toda reunida, notamos que alguns tons de pele são mais claros e outros mais escuros e retintos. Não entraremos no mérito do colorismo, mas é necessário apontarmos que cada personagem e sua representação nas ilustrações tem sua individualidade, o que nos faz refletir sobre os diversos tons de pele de pessoas negras que não são todas iguais.

Considerando que se trata de uma obra literária, percebemos que foi criado um mundo em que as personagens ao falar suas virtudes, usam palavras que não são corriqueiramente utilizadas por crianças, mas que, com a ajuda de um mediador de leitura, seja o/a professor (a), pai, mãe, avó, irmã, irmão ou qualquer pessoa que consiga auxiliá-la na procura ou explicação do significado de cada uma delas poderá possibilitar a compreensão do texto todo.

Os livros de Literatura Infantil, no geral, podem contribuir para que as crianças não só aprendam, mas vivenciem diferentes experiências como afirma Hunt (2010)

Do ponto de vista histórico, os livros para crianças são uma contribuição valiosa à história social, literária e bibliográfica; do ponto de vista contemporâneo, são vitais para a alfabetização e para a cultura, além de estarem no auge da vanguarda da relação palavra e imagem nas narrativas, em lugar da palavra simplesmente escrita (HUNT, 2010, p. 43).

Notamos que, tanto no texto escrito quanto no texto imagético, há uma preocupação com o público leitor, não apenas pensado na aquisição da linguagem e alfabetização, mas para o conhecimento de que existem diferentes culturas, como por exemplo, na escolha dos nomes das personagens. O mediador de leitura tem a possibilidade de explicar e exemplificar para a criança leitora que o continente africano possui inúmeros países, que os nomes de cada personagem tiveram origem em um país e que os nomes possuem significados.

O foco da narrativa imagética foi contar sobre os penteados que Aisha e seus primos fizeram para festejar o aniversário do bisavô. A temática do cabelo crespo e cacheado aparece com frequência nas narrativas contemporâneas com personagens negras e neste caso é o tema central.

Virgínia Leal (2010) afirma que “ser uma escritora contemporânea é dialogar com a história da inserção das mulheres no campo literário, considerando-se a atuação dos movimentos feministas como força social” (LEAL, 2010, p. 183). Quando Kiusam de Oliveira (2021), cria personagens como Aisha, uma personagem com atitudes que podem ser lidas como fortes, autênticas, principalmente se considerarmos que é uma personagem criança. Percebemos que a construção da personagem é pensada de forma feminista, pois além de ser uma menina negra que conta a própria história, ela ouve as outras crianças e é ouvida.

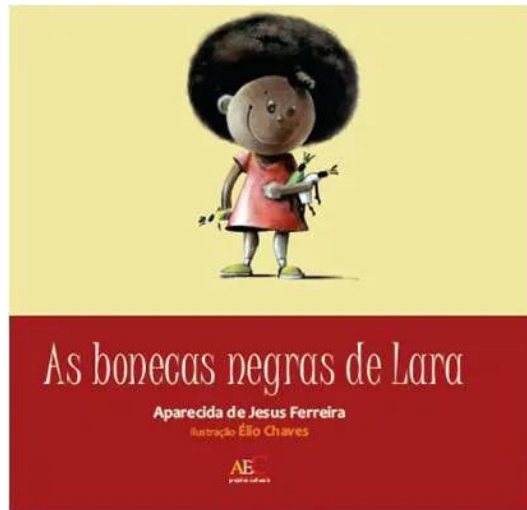
### 3.2 AS BONECAS NEGRAS DE LARA

O próximo livro de LI que vamos analisar é *As bonecas negras de Lara*, escrito por Aparecida de Jesus Ferreira, publicado em 2017 e ilustrado por Élio Chaves. Narrado em terceira pessoa por um narrador observador, neste livro, a protagonista é Lara, junto com seus amigos, eles dividem algumas histórias que vivenciaram. A temática central das histórias são as bonecas.

Ressaltamos que o livro *As bonecas negras de Lara* foi disponibilizado em todas as escolas, públicas e privadas do município de Ponta Grossa, além do livro de Literatura a autora também disponibiliza um livro de atividades relacionadas tanto com a temática étnico-racial, quanto de gênero e aquisição da linguagem. Este livro também está disponível em língua inglesa. Além do livro de atividades, também encontramos a dissertação de Keila de Oliveira (2019), na qual a pesquisadora observa o uso desse livro em sala de aula, mas não obtivemos resultados ao buscar por análises da obra para além do uso como ferramenta pedagógica.

Na capa do livro está Lara, a protagonista da obra:

Figura 24 - Capa do livro *As bonecas negras de Lara*



Fonte: FERREIRA, Aparecida de Jesus. (2017 a)

A protagonista é uma menina negra, que aparece na capa com o cabelo crespo solto, utilizando um vestido vermelho, “o vermelho é uma cor poderosa, muito utilizada por cinematógrafos para representar emoções fortes” (RODRIGUES, 2019, p. 40), não apenas na utilização da cor do vestido, ao longo da narrativa, a personagem Lara é representada como forte, como veremos na análise do texto escrito.

Ainda observando a capa, percebemos que a protagonista segura algumas bonecas Abayomi. As bonecas despertam a curiosidade do leitor, “pois não se trata de bonecas comercializadas para o público infantil, pois são feitas com retalhos de tecido, na maioria, confeccionadas por militantes e disponibilizadas para venda em feiras culturais ou de artesanato” (OLIVEIRA, 2019, p. 69). Como mencionamos anteriormente, as bonecas serão a temática central deste livro, Lara não possui apenas as bonecas Abayomi, mas uma coleção de bonecas “Lara sempre chama **suas amigas e seus amigos** para conhecerem a coleção de bonecas negras que ela tem” (FERREIRA, 2017, p. 1), um aspecto relevante do texto escrito é que, não se faz menção apenas que Lara, uma menina, tem amigas, mas amigas e amigos, utilizando tanto o feminino quanto o masculino.

Figura 25 - Coleção de bonecas de Lara



Fonte: FERREIRA, Aparecida de Jesus. (2017, p. 1)

Na coleção de bonecas de Lara, é perceptível que embora todas as bonecas possuam a mesma tonalidade de cor de pele, há uma diversidade de cortes, penteados e texturas de cabelos, o que é muito importante para as crianças poderem observar, considerando que estão em processo de (re)construção identitária, e ter contato com esse tipo de imagem permite que possam se (re)conhecer enquanto negras e negros.

No caso de crianças negras, ter o contato com essas literaturas em que o cabelo crespo e cacheado é valorizado, pode auxiliar também no processo de autoestima, como afirma a pesquisadora Nilma Lima Gomes: “O apelo a beleza negra inspira atenção, pois não somente pode promover a autoestima, mas pode falar de corpos segregados que, por vezes, tomam o corpo do outro como ideal”, (GOMES, 2020, p. 301). A comparação sobre corpo, cabelo e outras características físicas ocorrem com frequência na vida adulta, mas esse processo se inicia durante a infância, então, ter representações positivas da beleza negra faz-se necessário desde esse período.

A mesma autora colabora dizendo que “as interpretações sobre beleza ou feiura corporal podem ser consideradas julgamentos coletivos” (GOMES, 2020, p. 301). Nessa perspectiva, a leitura de livros que trazem diferentes tipos de beleza negra possibilita o entendimento do que é a diversidade e que não existe somente uma interpretação do que é belo.

A coleção de bonecas da personagem Lara foge dos estereótipos de bonecas que encontramos frequentemente dos livros de LI. Em *As bonecas negras de Lara*, conseguimos visualizar que na coleção de bonecas de Lara não há apenas bonecas do gênero feminino, a paleta de cores escolhida para as roupas das bonecas também não está dentro do estereótipo de utilizar a cor rosa e ícones como flores, borboletas e unicórnios.

Lara, além de mostrar os brinquedos, também convida seus amigos da escola para brincar “Lara tem dois amigos da escola, a Paula e o Sérgio. Eles vão à casa da Lara para juntos brincarem com as bonecas dela.” (FERREIRA, 2017, p. 2). Novamente, notamos que Lara não convida apenas a amiga menina para brincar de boneca, mas seu amigo menino também, na imagem que incorpora o texto, as três crianças seguram as bonecas Abayomi:

Figura 26 - Lara, Paula e Sérgio segurando bonecas Abayomi



Fonte: FERREIRA, Aparecida de Jesus. (2017, p.3)

Nas narrativas, tanto escrita quanto imagética, não encontramos distinção entre brinquedo de menina ou de menino, ambos os amigos estão brincando de boneca, embora na imagem apenas Sérgio carrega um carrinho nas mãos, mas ao longo da história todos contarão suas experiências com as bonecas e outros brinquedos. As cores utilizadas nas roupas das personagens coadjuvantes também não se encaixam no estereótipo de que menina deve utilizar cores como rosa e lilás e menino utilizar

azul ou verde. A personagem Paula, por exemplo, veste uma camiseta listrada verde e branco e um calção preto, Sérgio usa uma camiseta amarela e um calção laranja.

Outro aspecto que também podemos observar são as características físicas das personagens coadjuvantes: Paula tem a pele amarelada, cabelos lisos e usa tranças, já Sérgio tem a pele escura como de Lara, seu cabelo é curto. A ilustração não nos dá mais detalhes dos personagens, pois os olhos, nariz e boca são iguais para os três personagens, o que diferencia muito do livro *Com qual penteado eu vou?* que analisamos anteriormente, no qual percebia-se nas imagens a riqueza de detalhes e cuidado na construção das ilustrações. Essa diferença pode estar associada à identidade dos ilustradores.

O livro *As bonecas negras de Lara* aborda a amizade entre as três personagens: “Quando a Paula e o Sérgio chegam na casa de Lara é sempre uma festa” (FERREIRA, 2017, p. 4), eles gostam de ir até a casa de Lara para brincar.

Figura 27 - Paula e Sérgio chegam na casa de Lara



Fonte: FERREIRA, Aparecida de Jesus. (2017, p. 5)

A ilustração traz a protagonista com uma personalidade bem autônoma, pois é Lara que vai receber na porta de casa seus convidados. Em seguida, é retomada a democratização e autonomia das crianças no poder de decisão. Identificamos isso através do tempo da narrativa que é cronológico e nesse momento volta para o dia em que os três amigos fizeram o sorteio:

Figura 28 - Sorteio dos amigos



Fonte: FERREIRA, Aparecida de Jesus. (2017, p. 6)

As crianças sempre fazem um sorteio para ver sobre o que irão brincar. Elas já tinham feito o sorteio na escola na semana passada. Elas decidiram contar histórias verdadeiras, histórias que realmente aconteceram.

A Lara tem duas casas, uma parte da semana ela mora com o pai e na outra com a mãe. Já a Paula mora com a avó dela. E o Sérgio mora com o pai e a mãe dele, na mesma casa. (FERREIRA, 2017, p. 10)

No trecho acima, a criança conseguirá ler e, ou compreender que existem diferentes tipos de família, de pais separados como a de Lara, de crianças que moram com o(s) avós, da mesma forma que Paula e também de crianças que vivem com mãe e pai na mesma casa. Sobre esse assunto, a pesquisadora Keila de Oliveira (2019) afirma que:

A partir dessa história, pode-se discutir sobre os diversos tipos de família e reforçar a ideia de que, independente da ausência da figura do pai ou da mãe, **uma família se refere às pessoas com as quais se convive e das quais se recebe cuidado e carinho**. Possibilitar essa compreensão permite que a criança se sinta acolhida e pertencente à sociedade, uma vez que não é a única a pertencer a uma família 'diferente'! (OLIVEIRA, 2019, p. 71)

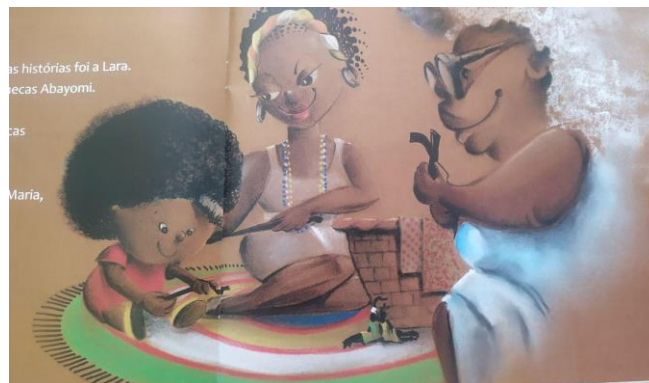
A partir da leitura, a própria criança pode perceber que existem diferentes tipos de família, reconhece a qual ela pertence, é provável que, ao longo da leitura, no caso das crianças pequenas, se não foi mencionado o núcleo familiar em que ela pertence haverá um questionamento ou um comentário sobre a própria constituição familiar, neste caso, a mediação pode auxiliar na compreensão mais ampla do conceito de família.

Na sequência, "A primeira a contar a história é Lara. Ela contou que tem várias bonecas Abayomi com roupas coloridas. Quem ensinou sobre as bonecas Abayomi

foi sua bisavó Maria, que aprendeu com sua mãe.” (FERREIRA, 2017, p. 8). A história contada por Lara fala sobre ancestralidade, possibilitando a criança leitora compreender que também possui heranças culturais herdadas de seus pais, avós, tios, tias e outros familiares.

Outro aspecto que pode ser observado através das heranças ancestrais é a importância da oralidade, principalmente nas culturas de origem africana. Sobre o assunto, Renan Fagundes de Souza (2017) colabora dizendo que: “A oralidade é um elemento central na produção e manutenção das mais diversas culturas, dos valores, conhecimentos, ciência, história, modos de vida, formas de compreender a realidade, religiosidade, arte e ludicidade” (SOUZA, 2017, p. 34), no caso da personagem Lara, ela aprende através da bisavó a história da travessia dos navios negreiros:

Figura 29 - Lara, mãe e sua bisavó fazendo bonecas Abayomi



Fonte: FERREIRA, Aparecida de Jesus. (2017, P. 8-9)

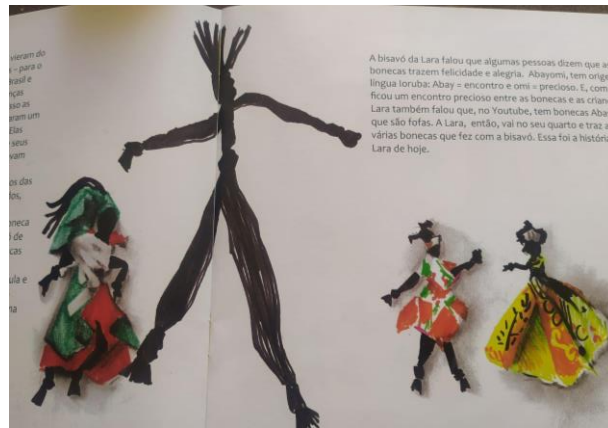
Tanto a narrativa quanto o texto imagético dão destaque para a presença de mulheres negras que compõem a história de Lara, não apenas a figura da mãe, mas também da bisavó e da importância da ancestralidade africana para a composição do relato da personagem. Há uma quebra na composição familiar na qual aparece a bisavó e não a avó compondo a ancestralidade.

Embora haja um destaque na presença de mulheres na família de Lara, a imagem da bisavó parece distorcida se compararmos com a de Lara e da mãe, a ilustração não segue o mesmo padrão: os olhos das personagens são diferentes, a construção dos rostos e braços, isso faz com que a personagem da bisavó seja representada de maneira quase caricata, menos delicada que as demais personagens.



Neste livro, há um destaque para a história das bonecas abayomi contada pela personagem Lara aos seus amigos:

Figura 30 - Bonecas Abayomi



Fonte: FERREIRA, Aparecida de Jesus. (2017, p. 10-11)

Nas imagens, são representadas as bonecas abayomi de forma fidedigna às bonecas feitas a partir de nós de retalhos de tecido, com vestidos de tecidos coloridos e turbantes.

No texto escrito, é narrada a história contada pela avó, o tema central é a ancestralidade do povo africano. Nesta narração aparecem algumas referências ao povo escravizado da África que foram “trazidos para o Brasil durante a travessia de navio”, embora a palavra “trazidos” seja mais leve que “escravizados”, o texto deixa explícito de que a “viagem era muito longa e isso deixava as crianças muito cansadas” e muitas vezes choravam. Então, para amenizar o sofrimento das crianças, as mães pegavam pedaços dos tecidos de seus vestidos e faziam alguns nós para construir as bonecas (FERREIRA, p. 10, 2017). A respeito do assunto, Keila de Oliveira afirma que: “O interessante desse relato é mostrar que, em meio à escravização, essas mães buscavam meios para que as crianças se divertissem, e não se centrar apenas no sofrimento.” (OLIVEIRA, p. 72, 2019). Dessa forma, a criança leitora consegue assimilar tanto o sofrimento vivido pelas pessoas e crianças escravizadas e também sobre a ancestralidade.

Na continuação, também é explicado o significado da palavra Abayomi “[...] tem origem da língua lorubá: Abay= encontro e omi= precioso” (FERREIRA, p. 11, 2017), e que é possível encontrar essas bonecas no “Youtube”. Nesse relato da protagonista, é possível notar que Lara herdou de sua avó, além das histórias, conhecimento e que,

além dos ensinamentos herdados, a menina também terá uma bagagem de conhecimentos que deixará de herança como os vídeos de confecção de bonecas que vê no *youtube*.

O relato seguinte é da personagem Sérgio, que contará a história que presenciou no parque:

Figura 31 - Sérgio com seu pai, segurando bonecas indo brincar no parque



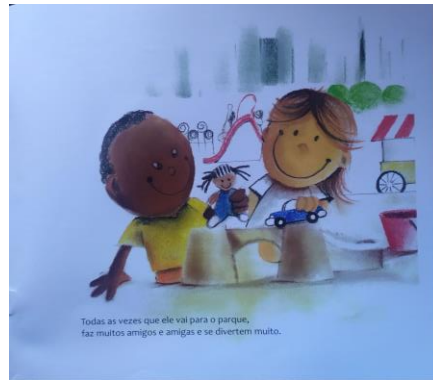
Fonte: FERREIRA, Aparecida de Jesus. (2017, p. 13)

Sérgio é representado na imagem como um menino negro, de cabelo crespo que está sorrindo, não é possível notar a partir da ilustração outras expressões da personagem, mas parece estar feliz. Ele segura em uma das mãos uma boneca e na outra puxa um carrinho, está acompanhado de um adulto, seu pai, que também carrega uma sacola de bonecas e caminham juntos em um parque com flores e árvores ao redor.

A imagem também demonstra que o menino se sente confortável em brincar com ambos os brinquedos e com apoio de seu pai que não o limita a brincar somente de carrinho. Juntos, eles vão ao parque, local que acontece a história contada por ele:

Sérgio foi ao parque com o pai brincar com as outras crianças. No parque, tinha balanço, escorregador, escada e muita areia. Sérgio adora brincar na areia. Ele sempre leva consigo seus carrinhos e as suas bonecas. Quando estava brincando com seus carrinhos na areia, chegou outra criança com suas bonecas. Ela tinha bonecas de várias cores e Sérgio mostrou para ela que também tinha bonecas e bonecos. O Sérgio adorou e foi pegando uma das bonecas da menina para brincar. Ele pegou uma boneca negra, linda, que estava de trancinhas. O Sérgio e a menina dividiram seus brinquedos e brincaram por muito tempo, tanto com os carrinhos como com as bonecas e bonecos. (FERREIRA, p. 14, 2017)

Figura 32 - Sérgio com uma menina, brincando juntos



Fonte: FERREIRA, Aparecida de Jesus. (2017, p. 15)

Da mesma forma que a imagem, o texto escrito evidencia que Sérgio tem autonomia e liberdade para fazer a escolha dos seus brinquedos e brincadeiras e tem também o apoio de seu pai para isso. Oliveira (2019) colabora afirmando que: “Culturalmente, as meninas são ensinadas a brincar com bonecas e os meninos com carrinho, porém, é necessário desconstruir essa ideia a fim de que as crianças tenham liberdade de brincar com todos os brinquedos.” (OLIVEIRA, 2019, p.74). A história de Sérgio traz possibilidades para que a criança leitora perceba que há diferentes possibilidades de brincadeiras e que ser criança não é ser limitado, mas sim, se divertir.

A última a contar a história é a personagem Paula, seu relato acontece no ambiente escolar e o tema central são os desenhos que ela e seus colegas de turma pintaram: “Paula contou que a professora levou para a sala de aula uma boneca e um boneco desenhados com as roupas, mas a boneca e o boneco não tinham cabelos desenhados e nem suas peles estavam pintadas. As crianças deveriam pintar.”.

Figura 33 - Professora segurando a atividade de pintura



Fonte: FERREIRA, Aparecida de Jesus. (2017, p. 17)

Figura 34 - Diferentes cores de pele



Fonte: FERREIRA, Aparecida de Jesus. (2017, p. 18)

Na Figura 33, aparece a representação da professora segurando os desenhos, a professora também é negra, mas possui cabelos lisos e curtos, também é perceptível em seu rosto um largo sorriso ao apresentar a atividade para seus alunos. Podemos refletir que a imagem da personagem está relacionada ao estereótipo de professora de educação infantil e ensino fundamental I: cabelos alinhados, usando jaleco, óculos de grau e está sempre sorrindo.

A proposta da professora de Paula era para os alunos colorirem as imagens das bonecas utilizando “o lápis de cor que quisesse”.

Figura 35 - Varal de atividades dos alunos



Fonte: FERREIRA, Aparecida de Jesus. (2017, p. 20-21)

Ao final da atividade, os alunos notaram que cada boneca(o) tinha uma cor de pele e cabelos diferentes que a outra, mas se pareciam muito com cada aluno. Nessa etapa do livro é perceptível que as personagens Paula e Lara como também os outros

colegas de sua turma conseguem se identificar com os desenhos que foram pintados por eles.

O mesmo sorriso está presente em todas as representações ilustradas das personagens do livro, inclusive nas bonecas inanimadas que aparecem desde o início da narrativa. A única expressão diferente de um sorriso é na última imagem do livro, na qual Lara aparece com a boca aberta, com uma expressão de surpresa Figura 36:

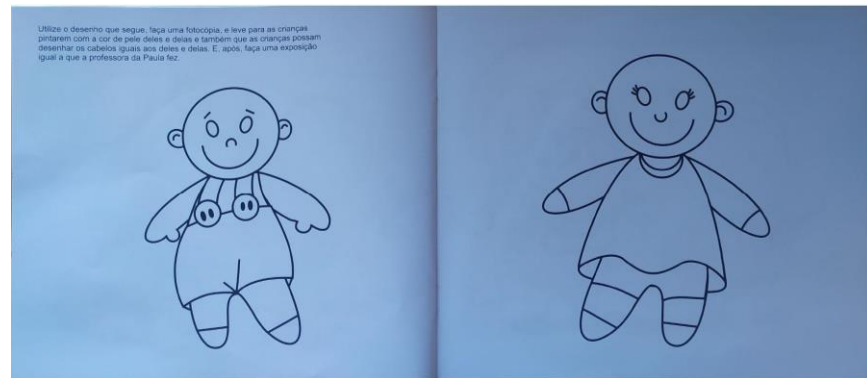
Figura 36 - Amigos juntos brincando de bonecas



Fonte: FERREIRA, Aparecida de Jesus. (2017, p. 23)

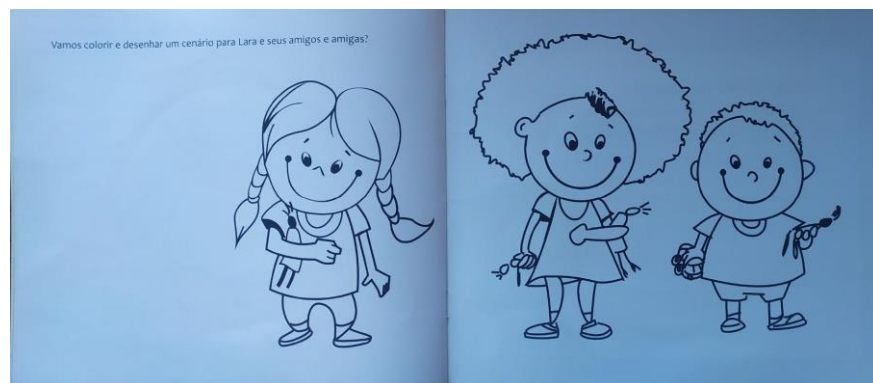
A mesma atividade que a professora de Lara e Paula dá para os alunos colorirem utilizando os lápis cor de pele, está disponível ao final do livro literário, junto com outro desenho para colorir. Esse tipo de atividade pode ser considerado pedagógico se trabalhado em sala de aula, mas a criança leitora pode ao fazer essas atividades, ter um momento de interação com o livro, utilizando as páginas finais para também se perceber e identificar sua cor de pele, textura e volume de cabelo, entre outras.

Figura 37 - Atividade 1



Fonte: FERREIRA, Aparecida de Jesus. (2017, p. 24-25)

Figura 38 - Atividade 2



Fonte: FERREIRA, Aparecida de Jesus. (2017, p. 26-27)

Além das atividades interativas no final do livro literário, a mesma escritora publicou em 2020 um livro de atividades<sup>18</sup> sobre *As bonecas negras de Lara*. Esse livro foi planejado para “propiciar experiências criativas para quem já leu o livro” (FERREIRA, 2020, p. 2), acreditamos também que pode ser utilizado por professoras da Educação Básica, para alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental, pais, mães e mediadores de leitura, pois esse livro traz sugestões de atividades a partir da leitura literária.

Ao analisarmos a construção da narrativa, *As bonecas negras de Lara*, e também da personagem Lara, que protagoniza o livro da escritora Aparecida de Jesus Ferreira, a partir da Crítica Literária Feminista, percebemos que não há o domínio do feminino e do masculino. Ao trazer a temática “brincadeiras” como tema central das

<sup>18</sup> FERREIRA, Aparecida de Jesus. **As bonecas negras de Lara**: livro de atividades. Editora Estúdio Texto, 2020.



histórias relatadas pelas personagens, há uma aproximação com o leitor que também é criança.

### 3.3 O FIO DA MEMÓRIA

A última obra que vamos analisar nesta dissertação se chama *O fio da memória*, com autoria da escritora e jornalista Fabiana Sasi e ilustrações de Sílvia do Canto. Diferente dos outros livros, este teve sua publicação inicial em 2021 no formato digital, como ebook. O livro é narrado por um narrador onisciente, uma vez que, os pensamentos e ações da protagonista também são expostos ao longo do texto. Outro aspecto que difere este livro dos outros analisados até aqui, é que, mesmo antes de ser publicado na forma escrita, *O fio da memória* já era reproduzido de forma oral pela escritora.

Este livro conta a história da protagonista Lia, uma menina negra que também era conhecida como “boca do porquê”, pois sempre estava querendo descobrir mais sobre o mundo. A ação que move a narrativa é quando a menina percebe que a tia está com cabelos brancos, e embora a tia dela tenha respondido que o motivo era a passagem do tempo, a menina ainda ficou confusa e decidiu perguntar à avó. Com afago e carinho, a avó ensina a menina não somente que o tempo passa, mas também sobre ancestralidade e memórias.

É raridade encontrarmos livros de LI que apresentem a pessoa idosa como protagonista, ou com voz presente nas narrativas e de forma positiva, especialmente quando as personagens são mulheres negras. Em *O fio da memória* além da protagonista Lia, há também a participação da sua avó:

Figura 39 - Capa do livro *O fio da memória*



Fonte: SASI, Fabiana. (2021, capa)

As duas personagens são negras, a avó tem a pele mais retinta e Lia a pele mais clara, Lia tem cabelos soltos e crespos, a avó utiliza um turbante. A cor utilizada na roupa da protagonista é o rosa, estampada com flores, já a roupa da avó é azul, com estampa em losangos. Na mesma imagem há uma árvore com um tronco grande, que pode ser considerada uma árvore centenária, as duas personagens seguram, uma ponta cada uma, de um tecido branco que envolve essa árvore, também é possível perceber alguns pássaros rodeando a árvore.

Na contracapa do livro, onde está o nome do livro e informações de autoria, também há a ilustração dos cabelos da avó, o cabelo, principalmente o cabelo branco, será tema central da narrativa literária.

Figura 40 - Contracapa do livro *O fio da memória*



Fonte: SASI, Fabiana. (2021, contracapa)

Os cabelos brancos, tema central deste livro, aparece antes mesmo da história escrita se iniciar, então é possível identificar que “o fio”, se trata de um fio de cabelo.

A história escrita se inicia com as características de Lia:

Lia queria saber tudo.  
 Para tanto, lia bastante, tentando descobrir as muitas coisas que tem no mundo.  
 - Tudo é tão incrível - pensava ela sempre entusiasmada  
 Por causa de sua curiosidade, ficou conhecida como? boca de porquê.  
 Será que você consegue adivinhar o porquê? (SASI, 2021, p. 1)

O narrador, além de mostrar as características de Lia, ele também, na última frase dialoga com o leitor, dessa forma, a criança leitora se sentirá mais próxima da



obra. A ilustração que acompanha o texto mostra Lia lendo um livro no chão, rodeada de brinquedos:

Figura 41 - Lia lendo no chão e rodeada de brinquedos



Fonte: SASI, Fabiana. (2021, p.1)

No chão, é possível notar uma variedade de brinquedos, uma bola, uma peteca, uma corda, um pião, um globo terrestre e também estão presentes algumas bonecas abayomi. O texto imagético indica que, além de gostar de ler, Lia também gosta de brincar e que, não faz distinção entre os brinquedos, semelhante ao livro *As bonecas negras de Lara*, no qual a personagem Sérgio brinca com bonecas e carrinhos.

Em seguida, no mesmo diálogo com o leitor, vem a resposta: Acho que você acertou. As primeiras palavras que costumam sair da boca de Lia, antes de qualquer outra, são: POR QUE? (SASI, 2021, p. 2)

Figura 42 - Lia e muitos porquês



Fonte: SASI, Fabiana. (2021, p.2)

Antes mesmo de dar Bom dia, quando viu a tia em frente a pia, foi logo questionando:  
 - Por que seu cabelo está ficando branco?  
 (SASI, 2021, p. 3)

Figura 43 - Por que seu cabelo está ficando branco?



Fonte: SASI, Fabiana. (2021, p.3)

A temática do cabelo crespo aparece fortemente no texto imagético, no qual a tia de Lia penteia seus cabelos utilizando um pente garfo, próprio para cabelos crespos e cacheados. Seus cabelos também estão trançados na lateral.

A fase dos porquês que se inicia por volta de 3 anos, ou até mesmo antes, tende a se multiplicar até os 6 anos e essa etapa é muito importante, conforme argumenta Cristia Rosineiri Gonçalves Lopes Correa (2015). Nessa etapa, o leitor que também é criança conseguirá visualizar que é normal ter dúvidas e que é a partir das dúvidas que também aprende e descobre as respostas que procura. (CORREA, 2015)

No caso de Lia, ela não obteve de sua tia, a resposta que procurava, pois sua tia respondeu que “Ora! porque o tempo está passando!”:

Figura 44 - Ora! porque o tempo está passando!



Fonte: SASI, Fabiana. (2021, p.4)

Embora a figura da tia seja importante para Lia, ela ainda continua com dúvidas a respeito da passagem do tempo e do aparecimento dos cabelos brancos.

A narrativa imagética mostra um dos pensamentos de Lia, no qual há uma senhora idosa negra, que transforma os fios de cabelo branco:

Figura 45 - Como funciona o tempo?



Fonte: SASI, Fabiana. (2021, p.5)

É relevante apontarmos a referência que traz na ilustração dos pensamentos de Lia: A imagem é de uma mulher e não um homem, também é uma mulher idosa, já que cuida do tempo e pinta cuidadosamente de branco, com um fino pincel, os cabelos que antes eram negros. Esse pensamento ilustrado, pode ter relação com a relevância que as mulheres, principalmente as mulheres com mais idade, consideradas por Lia como modelo de sabedoria e de conhecimento, como por exemplo sua avó, personagem que aparece nas páginas seguintes do livro.

Outra personagem que aparece e tem um papel importante na história é a vovó Carminha, a avó que Lia recorre para obter as respostas que procura:

Figura 46 - Um cheiro no cangote



Fonte: SASI, Fabiana. (2021, p.6)

Os traços dos rostos das três personagens que aparecem na narrativa: avó, tia e Lia, são muito parecidos, o que pode ter relação por pertencerem à mesma família. Diferente do livro *As bonecas negras de Lara*, o livro *O fio da memória*, traz na narrativa imagética as expressões das personagens, por exemplo, na Figura 44, a tia tem uma expressão que parece estar triste ao tirar o fio de cabelo branco. Na segunda imagem da figura 46, Lia tem uma expressão mais triste, o que pode estar relacionado ao não ter as respostas que queria da tia.

Ainda lendo a figura 46, notamos que o ambiente que as personagens estão mudou, já não é mais o banheiro, mas sim a cozinha. Nesse ambiente há algumas características próprias de casas de avó como panelas e filtro de barro, como também a cortininha na pia.

O narrador não evidencia muitas características físicas da avó, mas ao ler, é possível afirmar que ela é terna e afetuosa, pois “Para acalmar a inquietude de Lia, vovó sabia que era preciso um pouco de ternura” (p. 6). A única referência no texto escrito que fala sobre as características físicas da avó é sobre seu cabelo, está no seguinte trecho: “Vovó, que tinha na cachola, além de **cachos**, um tantinho de caraminholas”. Já nas imagens, a avó aparece em um momento usando turbante e em outra imagem com os cabelos crespos soltos, parecem *dreads*, mas pelo que diz no texto escrito, são cachos.

Há uma nova troca de ambiente na narrativa, que é evidenciada nas ilustrações e no texto escrito ao ser inserida a imagem da árvore, as duas saem de dentro de casa e vão para o quintal, junto da grande árvore:



Figura 47 - Lia e avó junto a árvore



Fonte: SASI, Fabiana. (2021, p. 7)

Sobre a árvore, o texto escrito descreve que “O grande *Iroco* era também a árvore mais antiga e com a sombra mais agradável. Ideal para um papo que vovó sabia que ia se estender” (p.7), a árvore mencionada no texto, é uma árvore sagrada africana, o próprio glossário disponível no final do livro traz essa informação, também, que para os iorubás as árvores dessa espécie são a morada de entidades. (SASI, p. 16)

Na figura 47, notamos que as personagens são muito menores em comparação a árvore centenária. O tecido que as duas estavam segurando na imagem que ilustra a capa Figura 39, está diferente, tem um nó, o que pode simbolizar a passagem do tempo desde o início da narrativa.

Figura 48 - Avó mostrando seus cabelos brancos



Fonte: SASI, Fabiana. (2021, p. 8)

A personagem avó, ao explicar para a menina que “cada fio branco vem da vivência, da experiência”, Lia continua seus questionamentos: “e qual foi seu primeiro cabelo branco?”, “desafiando a memória da avó”, em uma tentativa de proporcionar à menina algumas respostas, a senhora retira seu turbante e sugere que a menina procure entre os fios.

O carinho e afago é recíproco entre as duas, a menina também fez cafuné nos cabelos da avó, enquanto ela contava as histórias de suas vivências:

Figura 49 - Cafuné e investigação



Fonte: SASI, Fabiana. (2021, p. 9)

É possível perceber que ao mesmo tempo que a avó relembra as histórias, ela continua com a expressão tranquila, mas de olhos fechados, aproveitando o cafuné que a neta faz ao procurar o primeiro fio de cabelo branco da avó “mas os fios não eram marcados com números”, então apenas a avó saberia contar qual seria a lembrança desse primeiro fio.

Na ilustração seguinte, enquanto a avó relembra e conta várias histórias, podemos perceber nas ilustrações que há a presença de vários ícones que fazem alusão à ascendência africana, que também vimos nos outros livros analisados neste trabalho, como por exemplo, as bonecas abayomi. Entre as imagens é possível notar que nas memórias da avó estão acontecimentos como: o nascimento (bebê), a morte (mulher com roupa preta, chorando e com flores nas mãos), aprendizagem (letras escritas em um papel), descobertas (mulher olhando as estrelas), festividade e comemoração (homem tocando tambor), culinária (panela de comida), e também a presença marcante da natureza (plantação, cachoeira e o mar).

Figura 50 - Memórias



Fonte: SASI, Fabiana. (2021, p. 10)

Percebemos que, essas lembranças fazem parte da ancestralidade da avó que transmite para a neta através de suas histórias, alguns elementos da cultura africana como as bonecas abayomi, o tecido das roupas do homem tocando tambor e a referência da mulher negra de roupa branca que seria a responsável pelo tempo aparecem em destaque.

As perguntas de Lia ainda continuam: “- Vovó, eu vou ficar velhinha também?” e sua avó responde com carinho:

- Vai, mas, não é para logo. Acho que tem muita coisa para você viver e fazer acontecer. Muitas viagens, muitos festejos e danças, uma porção de dias na escola, de brincadeiras, de encontros cheios de amor e amizade. Acho que pelo caminho também vai ter umas quedas e, mesmo nos tropeços, você vai perceber que eles são necessários para você aprender a se equilibrar. E ainda que tenha choro e alguns machucados, você vai ter aprendizados valiosos. Porque muitas vezes, a gente só reconhece nossa força quando enfrentamos nossas dores. E aí, quando você for juntando essas experiências, e for crescendo com cada uma delas é que vai começar a funcionar sua fabriqueta de cabelos brancos.

E, por um instante, Lia parecia ter saciado sua curiosidade. Deu um abraço apertado e sentiu aquele cheirinho bom de alfazema que vovó carregava. SASI, 2021, p. 11)

Figura 51 - abraço



Fonte: SASI, Fabiana. (2021, p. 11)

Figura 52 - Vou ficar velhinha também?



Fonte: SASI, Fabiana. (2021, p. 12)

As ilustrações vão dando indícios de que o tempo está passando, as folhas da grande árvore caindo no chão, um passarinho pegando uma minhoca no bico Figura 51 e voando com o inseto Figura 52, o vento soprando e mudando o laço feito do tronco da árvore e também a mudança dos pássaros de lugar, transmitem ao leitor observador a noção da duração da conversa das duas personagens.

A problemática originada pela curiosidade de Lia é por fim amparada pela voz da avó, que traz a consciência de que, as experiências boas e ruins é que equilibram a vida e, ao longo dessa trajetória, com o passar dos anos, a protagonista também irá envelhecer. A história é finalizada com o seguinte segmento:

E o *Iroco*, a velha árvore que fazia a sombra para aquele chamego gostoso de avó e neta, balançou os galhos. **Que nem a gente balança a cabeça, para a cima e para a baixo, quando concorda com algo.** (SASI, 2021, p. 13, grifo nosso)



Há novamente uma menção da árvore sagrada, para a qual é transferida também uma ação, “que nem a gente balança a cabeça, para cima e para abaixo, quando concorda com algo”, por ser uma árvore que culturalmente é conhecida por sua divindade, se torna também uma personagem da narrativa, participando do momento da conversa entre neta e avó.

Figura 53 - uma brisa soprou novos fios brancos



Fonte: SASI, Fabiana. (2021, p. 12)

E uma brisa soprou no rosto das duas, um sorriso sereno e leve, que nem as folhas que caíam dançando pelo ar. Talvez fosse mesmo coisa do tempo, pegando carona no vento e gravando nos próximos fios brancos a memória daquela manhã fresquinha

Neste e em outros trechos do texto escrito, fica evidente alguns aspectos da escrita feminina, pois prioriza “a voz, o som, o sentido, mais o como se diz do que o que se diz” (CASTELLO BRANCO, 1991, p. 22). Nesse sentido, percebemos que o livro se faz ouvir, que a voz das personagens mulheres estão presentes desde o início e também dão continuidade no enredo, que há movimento não apenas nos galhos do Iroco, mas também nos diálogos entre a protagonista e sua avó, e na maneira em que são escolhidas as palavras que compõem o texto escrito.

### 3.4 SINGULARIDADES E PLURALIDADES DAS OBRAS

As três obras analisadas, apresentam as personagens, e aqui destacamos que são personagens crianças, como centro da narrativa, realçando suas individualidades, qualidades, sentimentos e personalidades. Elas também apresentam sincronidade entre texto escrito e imagético.

Outro aspecto relevante foi a representatividade de pessoas idosas, da figura ancestral nos três livros que analisamos, todas as personagens idosas foram importantes para o enredo, a presença dessas representações em livros de autoria de mulheres negras mostra como a história africana e afrobrasileira valorizam a ancestralidade.

Por se tratar de três autoras mulheres, negras, que pesquisam a temática étnico racial, notamos a escrevivência<sup>19</sup>, ou seja, a experiência de mulheres negras brasileiras que, em meio a tantas dificuldades que existem no mundo da produção literária, se arriscaram a escrever para um público restrito, porém importante que é a criança. Em ambos os textos narrativos é possível perceber essa escrevivência na maneira em que são escolhidas as palavras, como são construídas as personagens, enfim, o corpo negro se faz presente em diversos momentos, dando às crianças a oportunidade de (re)conhecer-se e também descobrir novos horizontes a partir dos temas trazidos nas obras.

Aventuramo-nos a afirmar que a escrevivência pode aparecer também através de textos imagéticos, no livro *Com qual penteado eu vou?*, a narrativa imagética também traz essa escrevivência a partir do olhar de um homem negro, Rodrigo Andrade que retrata a personagem Aisha e todas as outras personagens pertencentes a família de Seu Benedito com destreza e riqueza em detalhes, em paralelo a narrativa escrita por Kiusam de Oliveira.

Em nossa pesquisa bibliográfica a respeito da Literatura Infantil e as relações étnico-raciais e de gênero, percebemos que alguns temas são frequentes na Literatura Infantil de autoria negra, alguns desses aparecem nos livros que selecionamos e estão fortemente ligados com as protagonistas. Sendo assim, é relevante ressaltarmos que, nas três narrativas, as mulheres aparecem em diferentes gerações, todas têm voz e papel importante nas histórias.

O primeiro tema é que as matriarcas estão fortemente presentes ao longo das histórias: a mãe de Aisha é sua referência, além de auxiliá-la no tema central que foi fazer o penteado capaz de deixar seu bisavô feliz. No livro *As bonecas de Lara*, a bisavó de Lara é responsável por contar para a menina a história das bonecas abayomi, que também foi contada por sua mãe. No livro *O fio da memória*, a personagem avó também desempenha um papel ativo na narrativa, tirando as dúvidas

---

<sup>19</sup> A palavra escrevivência criada pela escritora Conceição Evaristo e utilizada pela primeira vez o Seminário Mulher e Literatura em 1995.

da garota e também contando histórias. Nos três livros de Literatura Infantil Contemporânea de autoria negra que analisamos, as personagens, avós e bisavós, são fontes de sabedoria, de conhecimento e as guardiãs da cultura dos ancestrais.

Ao analisar a presença das matriarcas, percebemos que há fortemente nos textos, tanto escritos quanto imagéticos a temática da ancestralidade, no qual as avós e bisavós, passam ensinamentos para suas netas, como é o caso das protagonistas Lara e Lia. Os ensinamentos variam, mas notamos que as autoras deixam evidente através das falas das protagonistas e do narrador que se trata de ancestralidade de origem africana. É relevante ressaltarmos que, a velhice e a etariedade das personagens é algo também a se pensar dentro da interseccionalidade. O livro *Com qual penteado eu vou?* também traz em seu texto a temática da ancestralidade, podemos perceber através dos nomes dos primos e de Aisha que são de origem africana.

Outro tema é sobre a construção das famílias, que não são formadas somente por mãe, pai e filhos, mas tem a presença marcante de avós, tias e primos. Acreditamos que a concepção de família vem mudando ao longo dos anos. A família de Aisha não se enquadra na chamada “família tradicional”, a qual é formada por um pai, uma mãe e em certos casos irmã e/ou irmão, sua família é formada por “mães, pais, tias, tios, avós e avôs” (OLIVEIRA, 2021, p. 44). A família de Lara é composta por pai e mãe, mas moram em casas separadas. Como mencionado, a presença de sua bisavó é marcante na narrativa (FERREIRA, 2017). Lia tem em sua formação familiar uma tia e sua avó, não há menções sobre pai ou mãe. A respeito de composição familiar, Érica Maria Silva Montenegro de Mélo e Leila Regina de Siqueira de Oliveira Branco (2018) afirmam que:

As mudanças na composição das famílias ao longo da história vêm gerando discussões acerca do seu conceito em várias instituições, incluindo a escola que, se ainda não se considera como locus para tal discussão é, certamente, o seu campo mais fértil. Infelizmente o que não é comum é observarmos a apresentação dessas composições na literatura infantil. (MÉLO; BRANCO, 2018, p. 3)

O primeiro contato social que uma pessoa tem é na família, é nesse convívio que a criança viverá suas primeiras experiências, desapontamentos, alegrias e principalmente, é a família que estabelece a primeira educação. No contexto familiar em que Aisha está inserida, percebemos a importância para a construção da identidade da personagem, uma vez que, “a família tem papel fundamental no

desenvolvimento humano e apresenta uma estrutura que varia tanto quanto ao número de pessoas que as integram, quanto aos papéis sociais exercidos por cada um de seus membros.” (MÉLO; BRANCO, 2018, p. 4).

Não somente no contexto escolar, os livros desta pesquisa trazem subsídios para que o mediador de leitura, junto com a criança, converse a respeito desses novos conceitos de famílias e que a criança conheça ou reconheça que existem diversas concepções de família, uma vez que “é possível considerar as questões sociais e os conflitos que são apresentados e que podem trazer impactos tanto à formação humana quanto à formação leitora das crianças.” (MÉLO; BRANCO, 2018, p.4).

O livro *Com qual penteado eu vou?* traz uma diversidade de personagens, que mesmo pertencentes à mesma família, cada um tem suas particularidades e individualidades. Com menos personagens, mas com uma variedade de características tanto físicas quanto de personalidade, o livro *As bonecas negras de Lara*, também aborda através das personagens, diferentes perspectivas sobre a mesma temática que são as bonecas. Em contrapartida, o livro *O fio da memória* tem apenas três personagens: a tia avó e Lia.

Além de ser tema central da história do livro *Com qual penteado eu vou?*, o cabelo crespo e cacheado aparece frequentemente nos livros literários contemporâneos de autoria negra, como é o caso de *As bonecas negras de Lara*, pois a protagonista tem cabelo crespo, e na história da personagem Paula, um dos pontos diferentes dos desenhos dos colegas da turma é a característica dos cabelos. Em *O fio da memória* os cabelos brancos estão em pauta, mas uma das características de todas as personagens são os cabelos crespos e cacheados.

Em *Com qual penteado eu vou?*, fica evidente através dos penteados que Aisha e seus primos fizeram para festejar o aniversário do avô, a temática do cabelo crespo e cacheado. Da mesma forma que mais personagens aparecem representados positivamente com seus cabelos crespos, cacheados, de tranças, dreads, etc, como afirma Kassandra Muniz: “Hoje é muito mais comum, do que há 50 anos, vemos homens e mulheres negras reafirmando sua negritude na linguagem de seu corpo, de seu cabelo, de sua música, de suas vestes, de sua comida, etc.” (MUNIZ, 2010, p. 105).

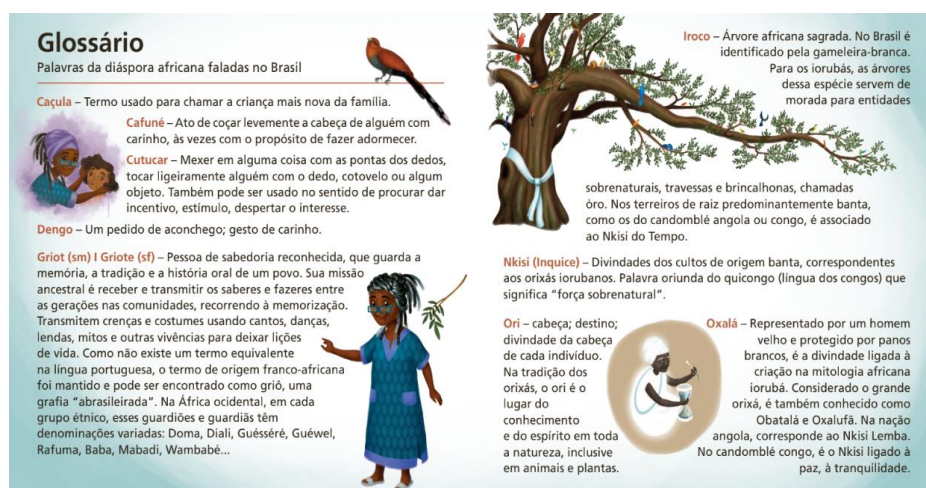
A autora também destaca a importância das discussões sobre o tema dentro das universidades tanto para que os direitos de igualdade sejam de fato reconhecidos como para que as pessoas negras tenham um reconhecimento racial e quando

observamos essa temática nos livros de LI, entendemos que a Literatura Infantil que traz essa temática, de forma positiva, contribui para a construção de identidade que é iniciada na infância.

Notamos que uma das particularidades dos livros foi, no processo da criação da narrativa imagética, pois há uma disparidade entre eles, no sentido que analisamos até aqui: a representação das personagens. *Com qual penteado eu vou?*, foi ilustrado por Rodrigo Andrade, um homem negro, ilustra de forma bela as crianças, mostrando detalhes do texto escrito, mas também apresentando miudezas que não aparecem na narrativa escrita, essa tradução do que foi ou não falado torna a experiência da leitura agradável e compreensível aos leitores que ainda estão em processo de alfabetização. Em *As bonecas negras de Lara*, o ilustrador é Élio Chaves, um homem branco. Embora as personagens tenham um formato de rosto padrão entre elas e algumas personagens como a avó tem o corpo fora dos padrões das outras ilustrações presentes no livro, a escolha das composições faz com que a leitura fique atrativa para o público infantil, sem estereótipos com relação a gênero e raça na escolha das cores. No livro *O fio da memória*, a ilustradora é Sílvia do Canto uma mulher branca. Com traços mais realistas e com detalhes que chamam atenção do leitor, as ilustrações acompanham a narrativa escrita. As ilustrações dos livros apresentam certo cuidado para retratar, ou melhor, representar a mulher e a menina negra.

Os três livros trazem ao longo do texto escrito, traduções e explicações das palavras de origem africana, o livro *O fio da memória*, disponibiliza ao final, um glossário:

Figura 54 - Glossário *O fio da memória*



Em comparação, o livro *Com qual penteado eu vou?*, ao utilizar os nomes de origem africana, coloca no texto seu significado em língua portuguesa. Em *As bonecas negras de Lara*, é explicada a história da palavra "Abayomi", não apenas traduzindo para a língua portuguesa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As leituras e reflexões feitas durante o processo desta pesquisa contribuíram não apenas na minha trajetória como pesquisadora e professora, mas também como mulher negra que reconhece a importância da literatura de autoria negra para uma abordagem positiva e significativa das crianças leitoras.

O propósito desta dissertação foi identificar como são representadas as personagens mulheres e meninas negras na Literatura Infantil Contemporânea escrita por mulheres negras a partir de uma perspectiva da Crítica Feminista.

Primeiramente, vale ressaltar a importância da Literatura Infantil, não apenas para a aquisição da linguagem ou para adquirir virtudes ou conhecimento, mas sobre a necessidade da leitura literária desde a infância por prazer, por lazer e diversão, com esses objetivos a leitura de livros literários para as crianças também se torna significativa para a vida, os dando liberdade e autonomia.

Para que isso ocorra de fato é necessário oportunizar que a criança se identifique com as representações que estão presentes nos livros infantis. É nesse caminho que iniciamos essa pesquisa, e agora não podemos dizer que chegamos ao fim, pois é uma temática ampla, o que podemos é apresentar considerações sobre o que pudemos desenvolver até aqui.

No início desta pesquisa, quando estávamos no processo de escolha dos livros para a análise, encontramos inúmeros livros de Literatura Infantil que apresentavam as personagens estereotipadas, inferiorizadas, ausentes ou excluídas. Foi um processo de muita reflexão para então selecionarmos as três obras apresentadas, pois acreditamos que a leitura literária possibilita que diversos temas sejam discutidos, tanto em sala de aula como em diversos espaços, não apenas por professoras e professores, mas por leitores e ouvintes em geral, que usufruem ou mediam a leitura, especialmente com e para o público infantil.

Entendemos que, quando um(a) leitor(a), não se identifica ou se sente constrangido(a) com a representação dos personagens, mesmo que fictícia, a leitura tende a não ser agradável, principalmente na infância, em que a identidade ainda está em construção. Por isso, a partir do objetivo principal que era de analisar como são representadas as personagens mulheres e meninas negras na Literatura Infantil Contemporânea escrita por mulheres negras a partir de uma perspectiva da Interseccionalidade e da Crítica Feminista, buscamos organizar perguntas de

pesquisa, que nos auxiliariam a atingir esse objetivo. A primeira pergunta da pesquisa foi: *Qual a importância de livros de Literatura Infantil escritos por mulheres negras?*

Para responder essa pergunta, nos debruçamos em estudos sobre o Feminismo e da teoria Interseccional, os quais discutem a invisibilidade de mulheres, tanto na escrita de livros como nos espaços editoriais, de maneira agravada se tratando de mulheres negras. Conforme vimos no primeiro capítulo, as mulheres, por muito tempo foram obrigadas a “aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se” (PERROT, 2005, p. 10). Foi um longo processo para que as mulheres tivessem vez e voz, e quando finalmente as mulheres conquistaram espaços e direitos de exercer a política, a educação, e outros espaços sociais, os direitos das mulheres negras não foram contemplados pelo Feminismo, o que é considerado por González como sendo um “esquecimento [...] caracterizando-se como racismo por omissão” (GONZÁLEZ, 2020, p. 141)

Nesse sentido, respondemos essa primeira pergunta de pesquisa: *Qual a importância de livros de Literatura Infantil escritos por mulheres negras?*. Afirmamos que ter livros de Literatura Infantil escrito por mulheres negras é uma grande conquista de espaço, de vez, de voz, de existência e de resistência.

Na sequência, temos a pergunta *Como os livros selecionados abordam o tema referente à interseccionalidade entre gênero e raça?* Para tanto, em nossa seleção, tivemos o cuidado em optarmos por livros escritos por mulheres negras, que tivessem o protagonismo de personagens meninas negras e a participação de outras mulheres negras de forma positiva, tanto no enredo como também na ilustração. E foi assim que escolhemos os livros *Com qual penteado eu vou* (OLIVEIRA, 2021), *As bonecas negras de Lara* (FERREIRA, 2017) e *O fio da memória* (SASI, 2021).

Em seguida, conseguimos responder a pergunta *Qual a relevância da representação de personagens femininas (meninas e mulheres negras) na LI?*, uma vez que, é na infância que a criança está (re)construindo sua identidade, conforme afirma bell hooks: “a literatura infantil é um dos locais cruciais para a educação feminista, para a conscientização crítica, exatamente porque crenças e identidades ainda estão sendo formadas” (bell hooks, 2021, p. 53), as meninas também precisam de representações fortes, independentes, inteligentes e poderosas como as protagonistas Aisha, Lara e Lia. Por muito tempo, mulheres e meninas foram silenciadas na Literatura, então ao trazer essas personagens positivas em evidência



na Literatura Infantil é de extrema relevância não apenas para os estudos literários, mas também sociais e culturais.

E por fim, a pergunta: *Há possibilidade(s) de uma abordagem significativa e positiva para fomentar discussões e reflexões sobre gênero e raça a partir da leitura de livros de Literatura Infantil?*, acreditamos que essa é a pergunta que abrange o trabalho como um todo, e sim, é possível, através da escolha de livros que tragam personagens negros e negras de forma positiva, com meninas e mulheres fortes e com voz na narrativa. Além disso, consideramos de extrema relevância a busca e escolha por livros de autoria feminina negra, uma vez que, essas autoras buscam representar suas personagens de forma significativa e positiva, como é o caso das três autoras que trouxemos para a análise.

Essas questões podem ou não serem abordadas no ambiente escolar, uma vez que o mediador de leitura literária também pode ser o professor ou professora. Não era o nosso propósito falar sobre ensino-aprendizagem das relações étnico-raciais e de gênero, mas a partir de nossas leituras conseguimos refletir sobre a atuação do professor no processo de formação de leitores e leitoras e, para isso frisamos a relevância da formação inicial e continuada para tanto, bem como a importância de um ensino que promova aos alunos o conhecimento sobre assuntos ligados ao Feminismo interseccional.

Percebemos que, nossa pesquisa não conseguiu abranger os temas relacionados às mulheres e meninas indígenas tanto sobre a representação de personagens, principalmente buscando autoras que também sejam indígenas.

Acreditamos que esta e outras pesquisas relacionadas aos temas de gênero, raça, sexualidade e classe social devem ser fomentadas, propagadas e discutidas dentro e fora de sala de aula, para que mais pessoas conheçam e reivindiquem seus direitos.

Esse trabalho só foi possível porque mulheres como Kiusam, Aparecida e Fabiana, se aventuraram no mundo literário, criando personagens negras de maneira positiva. Por isso, destacamos a importância da autoria feminina negra, dos estudos relacionados a gênero e raça e ambas as temáticas pensadas ainda na infância.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

ALBUQUERQUE, Roberto Nascimento de; OLIVEIRA, Alice. Vitiligo e o Impacto na Imagem da Mulher. **Disciplinarum Scientia**. Série: Ciências da Saúde, Santa Maria, v. 22, n. 1, p. 353-368, jul/set. 2021.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Trad. Édina de Marco. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

ARMELIN, Maria Alice Mendes de Oliveira; GODOY, Maria Cecília Felix de. Formação de mediadores de leitura: sistematização de duas experiências. **Cadernos cenpec**, São Paulo, v.1, n.1, p. 59-85, dez. 2011.

BARBOSA, Márcia. **Por que um curso sobre Feminismos?**. Youtube. 31 mar 2020 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2qARUyMOJ8o&t=487s>> Acesso em 14 jun 2022.

BARBOSA, Vânia Maria Castelo. **A Literatura de Clarice Lispector para criança: Um convite à infância**. 2008. 122f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE, 2008.

BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011.

BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira. **A mediação do bibliotecário na pesquisa escolar face à crescente virtualização da informação**. 2008. 197f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista - UNESP, Marília, 2008.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRASIL. **Lei n.º 10639/03 de 9 de janeiro de 2003**. Presidência da República. Casa Civil. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)> Acesso em 01 fev 2022.

BRASIL. **Lei n.º 11645/08 de 10 de março de 2008**. Presidência da República. Casa Civil. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm)> Acesso em 01 fev 2022.

BUENO, Samira. et al. **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. 2a ed. 2019. Disponível em: <[https://forumseguranca.org.br/publicacoes\\_posts/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-2-edicao/](https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-2-edicao/)>. Acesso em 19 jul 21.

CÂNDIDO, Antonio. **Direito à literatura**. (ensaio). Em: Vários Escritos, 5ª edição, Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CADERMATORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAMPELLO, Eliane T. A. A crítica literária da saia justa. *In*: STEVENS, Cristina Maria T. **A mulher escrita: A escrita-mulher?**. 1ª ed. Brasília: Distrito Federal, 2009.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**, Estudos Avançados, v.17, n.49, p. 117-133, set. 2003. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

CASTELLOBRANCO, Lúcia. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1991 (Coleção Primeiros Passos).

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. São Paulo: Ática, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 1991.

CORREA, Cristina Rosineiri Gonçalves Lopes. Os porquês da criança na psicologia genética de Piaget e na psicanálise e a dificuldade de aprendizagem. **Ágora: Estudos em Psicanálise**, v. 18, n. 2, p. 289-303, jul. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/ij/agora/a/wJZHTB6HwkBSLnG3q7jHmpm/?lang=pt>> Acesso em 02 mar de 2023.

COSTA, Maria Cristina Castilho. A leitura das imagens. *In*: ZIBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (Org.). **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009. p. 81-98. (Coleção leitura e formação)

COSTA, Aline Santos. **A conformação da literatura infantil como disciplina no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1938)**. 2018. 228f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 228, 2018.

CRENSHAW, Kimberlé W. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero, **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p.171-189, jan. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>> Acesso em: 15 jul. 2021.

CRISÓSTOMO, Andressa Silvana Ponte; PORTILHO, Pedro Braga; PAIVA, Juliana Vieira de. **Alopecia Androgenética**. Faculdade Pitágoras de Uberlândia, 2022.

CUTI, [Luiz Silva]. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELGADO, Ana Cristina C.; MÜLLER, Fernanda. Sociologia Da Infância: Pesquisa com crianças. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 351-360, Maio/Ago. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 01 ago. 2022.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 151-172. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950>>. Acesso em 13 de março de 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 31, p. 11-23, 2008.

EM VÍDEO, Damares diz que “nova era” começou: “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>> Acesso em: 10 maio 2023.

FERRARI, Juliana Spinelli. Diferenças entre as brincadeiras de meninos e meninas. **Brasil Escola**, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/diferencas-entre-as-brincadeiras-meninosmeninas.htm> . Acesso em: 18 jun. 2022.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **As bonecas negras de Lara**. ABC Projetos, 2017.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **As bonecas negras de Lara**: livro de atividades. Editora Estúdio Texto, 2020.

FITTIPALDI, Ciça. O que é uma imagem narrativa?. In: OLIVEIRA, Ieda de. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: com a palavra, o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008. p. 93-121.

FRANCISCO, Daniela Aparecida. **A LITERATURA JUVENIL DE STELLA MARIS REZENDE**: muito além do gênero. 2019. 376f. Tese (Doutorado em Ciências e Letras). Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.

GARABELI, Melissa; WILLIAN, Phellip. **Abrigo**. Curitiba: Gráfica Monalisa, 2017.

GOMES, Nilma Lino; JESUS, Rodrigo Ednilson de. As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa. **Educar em Revista**, n. 47, p. 19-33, jan. 2013.

GOMES, Alexandre de Castro. **A configuração dos monstros na literatura infantil e juvenil brasileira do século XX**. 2021. 171f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil**: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

HERBERT MASSONI, Luis Fernando. Ilustrações em livros infantis: alguns apontamentos. **DA Pesquisa**, Florianópolis, v. 7, n. 9, p. 121-129, 2018. DOI:

10.5965/1808312907092012121. Disponível em:  
<https://www.periodicos.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/13951>. Acesso em: 23 jun. 2022.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: COSACNAIFY, 2010.

JOVINO, Ione da Silva. Personagens negras na Literatura Infantil brasileira de 1980 A 2000: Revisitando O Tema. *In*: 38ª Reunião Nacional da ANPEd – 01 a 05 de outubro de 2017 – UFMA – São Luís/MA. **Anais eletrônicos**. São Luís, 2017. p. 1-17. Disponível em:  
 <[http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho\\_38\\_anped\\_2017\\_GT21\\_696.pdf](http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38_anped_2017_GT21_696.pdf)> Acesso em 29 set 2022.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura Infanto-Juvenil com personagens negros no Brasil. *In*: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. (Org.) **Literatura Afro-brasileira**. Brasília. Fundação Palmares, 2006.

KAUR, Rupí. **Meu corpo minha casa** [livro eletrônico]. São Paulo: Planeta, 2020.

LIMA, José Milton de; MOREIRA, Tony Aparecido; LIMA, Márcia Regina Canhoto de. A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL: outro olhar para as crianças e suas culturas. **Revista Contrapontos** - Eletrônica, Vol. 14, n. 1, jan./abr. 2014. Disponível em  
 <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-71142014000100007&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-71142014000100007&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em 29 set 2022.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. O feminismo com agente de mudanças no campo literário brasileiro. *In*: STEVENS (org.). **Mulher e literatura 25 anos**: raízes e rumos. Florianópolis: Mulheres, 2010. p. 183-207.

MEIRELES, Cecília. **Problemas de Literatura Infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MÉLO, Érica Maria Silva Montenegro de; BRANCO, Leila Regina de Siqueira de Oliveira. Família: Questões emergentes nos livros de Literatura Infanto Juvenil. **Anais V CONEDU - Congresso Nacional de Educação**. Recife, 2018. Disponível em:  
<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/47414>. Acesso em 27 out. de 2022.

MELO, José Adailton Vieira Aragão. **Guerreiros do sol e da lua**. República da Moldávia: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

MENDONÇA, Simone Cristina. Literatura Infantojuvenil, Mulheres e Educação no Brasil do Século XIX. **Polifonia**, Cuiabá, v. 21, n. 30, p. 228-244, jul-dez., 2014

MUNIZ, K. Sobre Política Linguística ou Política na Linguística: Identificação. Estratégica e Negritude. *In*: FREITAS A. de C. (Org). **Linguagem e exclusão**. Uberlândia: EDUFU, 2010. P.99-121

MUNIZ, Kassandra. Sobre Política Linguística ou Política na Linguística: Identificação Estratégica e Negritude. In: FREITAS A. de C. (Org). **Linguagem e exclusão**. Uberlândia: EDUFU, 2010. p.99-121

NEIVA, Leonardo. Com rosto ainda desconhecido, primeira escritora negra do Brasil é redescoberta após décadas de anonimato. **BBC News Brasil**. São Paulo. 25 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-53411587>>. Acesso em 06 mar. 2021.

NODARI, Sandra. Nomes e pronomes na Língua Portuguesa: a questão sexista no idioma e na academia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29 n. 3, p. e74197, 2021.

OLIVEIRA, Keila de. **Letramento racial crítico nas séries iniciais do ensino fundamental I a partir de livros de literatura infantil**: os primeiros livros são para sempre. 2019. 175f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/2884/1/Keila%20de%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 01 set. 2021.

OLIVEIRA, Kiusam. **Com qual penteado eu vou?**. 1. ed. São Paulo. Editora melhoramentos, 2021.

OLIVEIRA, Noemi de. **A ação da palavra na construção da identidade da mulher**: o empoderamento feminista de duas personagens na obra de Isabel Allende. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

OLIVEIRA, Tatiane Santos de. **Mãe escreve livro e transforma filha com vitiligo em heroína**: 'É especial. [Entrevista concedida a G1 Santos] George Corrêa, G1 Santos e região TV Tribuna. Santos, jul de 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/educacao/noticia/2019/10/06/mae-escreve-livro-e-transforma-filha-com-vitiligo-em-heroína-e-especial.ghtml>> Acesso em 02 fev. 2022.

OLIVEIRA, Valkison Viana. **As raízes da poesia infantil de Zalina Rolim em Livro das crianças**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB. 2017.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: Edusc, 2005.

PESTANA, Cristiane Veloso de Araujo. Qual a cor do negro nos livros de literatura infantil?. **Atas do IV Simpósio de literatura negra ibero-americana**. UFPR 2019. *E-book*

RIBEIRO, Ana Elisa. “Cinco milhões de corações”: Lúcia Machado de Almeida e a edição no século XX. **Recorte**. UNINCOR V. 13 - N.º 1.jan/jun. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2830>> Acesso em 05 jun. 2022.

RODRIGUES, Ana Raquel Ferreira Cardoso. **A influência da cor nas emoções das crianças com base em filmes de animação da Pixar**. Dissertação (Mestrado), Universidade do Porto, Porto. 2019.

SANTOS, Marinês Ribeiro dos. Azul para Meninos e Rosa para Meninas? O Design como uma Tecnologia de Gênero. **III Seminário Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual** - Cartografías en Acción: Cruzando Visualidades. 2019.

SANTOS NETO, João Arlindo; ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. O conceito de mediação implícita da informação no discurso dos bibliotecários. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB), 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: ANCIB: PPGCI/ECI/UFMG, 2014. p. 1241-1257.

SASI, Fabiana. **O fio da memória**. Ed. da autora, 2021.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.) **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 23-57.

SILVA, Ayodele Floriano. **Personagens Negras Infantis**: retalhos de histórias. 2022. 137f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.

SILVA, Daniel Neves. **Dia dos Povos Indígenas**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/19-abril-dia-Indio.htm>. Acesso em 12 fev. de 2023.

SILVA, Larissa Hortência Moreira. **Feminismo e Educação**: desafios da Pedagogia na construção de uma formação mais equânime. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo-RS. 2020.

SILVA, Mariana Batista do Nascimento. Cecília Meireles: Literatura e Educação. In: **Anais do CENA**. Volume 1, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. p. 241-248.

SILVA, Raquel Afonso. Trajetória(s) literária(s) de Odette de Barros Mott (1913-1998): uma narrativa a partir do arquivo pessoal da escritora. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n.57, 2013.

SMITH, Barbara. (1980) 2014. Racism and Women's Studies. In **Ain't Gonna Let Nobody Turn Me Around: Forty Years of Movement Building with Barbara Smith**, edited by Althea Jones and Virginia Eubanks, 133–35. Albany, NY: SUNY Press.

SOUSA, Andréia Lisboa de. A representação da personagem feminina negra na literatura infantojuvenil brasileira. In: **Educação antirracista**: caminhos abertos pela Lei Federal 10639/03/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SOUZA, Renan Fagundes de. **Das teias de Ananse para o Mundo**: Áfricas e africanidades na literatura infantil e juvenil contemporânea em língua espanhola. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Ponta

Grossa, Ponta Grossa, 2017. Disponível em: <<https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/2370>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

TEDESCHI, L. A. **Os Desafios Da Escrita Feminina Na História Das Mulheres**. Raído, Dourados, MS, v.10, n.21, jan./jun. 2016

TELES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. (9 ed.) São Paulo: Contexto, 2008. p. 401-442. <<http://www.elfikurten.com.br/2014/05/julia-lobes-de-almeida.html>>. Acesso em 05 jun 2022.

WERNECK, Regina Yolanda. O problema da ilustração no livro infantil. In: KHÉDE, Sonia Salomão (Org). **Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1986. (Novas Perspectivas, 18).

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ZILBERMAN, Regina (Org.). **A produção cultural para a criança**. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. (Novas Perspectivas, 3).

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola**. São Paulo, SP. 2012.